



Sociedade das Ciências Antigas



Profundos  
Mistérios da  
Cabala Divina



Jacques Gaffarel



Sociedade das Ciências Antigas

**PROFUNDOS MISTÉRIOS DA CABALA DIVINA**

**POR**

**JACQUES GAFFAREL**



**TRADUZIDO DO FRANCÊS:  
PROFONDS MYSTERES DE LA CABALE DIVINE  
L'EDITION BAUDELLOT, 1912**

# PROFUNDOS MISTÉRIOS

DA CABALA DIVINA

DEFENDIDOS DOS SOFISMAS DOS FILÓSOFOS

(*Abdita divinae cabalae mysteria,  
contra sophistarum logomachiam defensa*)

DEDICADO AO ILUSTRÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO CARDEAL

*ARMAND DE RICHELIEU*

POR

JACQUES GAFFAREL

NATURAL DE MANNES-EN-PROVENCE

EM PARIS

APUD JEROME BLAGART, IMPRESSOR

RUA DOS CARMELITAS, PRÓXIMO A D. HILAIRE

BAIRRO DO COLÉGIO DOS LOMBARDOS

- 1625 -

COM O PRIVILÉGIO DO REI E APROVAÇÃO DOS DOUTORES

Ao Ilustríssimo Armand de Richelieu  
Cardeal da Santa Igreja Romana, etc.

As grandes cidades não oferecem nada de mais notável, para a admiração dos curiosos, do que os palácios soberbos que abrigam o poderio dos reis.

A ti, Armand, glória resplandecente do sagrado Colégio, todos nós te proclamamos Palácio magnífico da Igreja do Cristo! E não somente porque teu nome (Armand, em hebraico significa palácio) parece, de uma maneira muito feliz, predestinar-te a isso, mas porque os fatos o têm demonstrado.

Tantas virtudes, que brilham tão vivamente em ti, não são as colunas de mármore que sustentam o edifício? Tantos atos heróicos realizados por ti, não são os vitrais que resplandecem com o mais brilhante esplendor? Enfim, tua ciência, tão vasta, formada por elementos humanos e divinos, constitui a muralha inexpugnável que nenhum adversário pode ultrapassar.

As muralhas, dos palácios são comumente revestidas com ricos madeirames; admiram-se aí finas tapeçarias ou estatuetas de Porfírio. Deixa-me, pois, Herói ilustre, fixar nas paredes de teu palácio um quadro da Cabala, pintado com as cores dos antigos hebreus cuidadosamente purgado das asneiras que certos charlatões nele assentaram no transcurso dos séculos.

Quero erigi-lo em tua honra, como uma estátua tirada dos esboços dos antigos sábios e conscientemente esculpida.

Quero, repito, erigi-la a ti, que, estando bem acima dos grandes homens de toda a França, honras com um culto particular às lembranças da Antigüidade sagrada; a ti que, para combater sem tréguas a ignorância, apelas-te às Musas e ao concurso de Palias:

Sob sua égide, e com teu amparo, espero combater com sucesso, sem desfalecer, até a vitória!

Teu muito devotado servidor,  
Jacques Gaffarel de Mannes—en—Provence.

### *Os profundos mistérios da cabala divina, defendidos dos sofismas dos filósofos*

De todas as bem-aventuranças, mesmo as maiores, que um Deus muito bom, todo poderoso, já concedeu aos homens, estimo que nenhuma tenha sido mais preciosa do que o conhecimento dos meios seguros, aprovados, imutáveis, que permitem chegar à Pátria celeste, objetivo de nossos desejos.

Graças a esses meios, ardendo pelo amor divino, lânguido de amor, diria com a esposa, chega-se, por uma feliz evolução, até este amor abençoado, eterno, que não é outro senão o próprio Deus. E por isto que os apóstolos afirmam que a Santa Escritura, inspirada por Deus, nos foi transmitida como a senda segura, como o caminho direto que nos pode conduzir à salvação.

E por ela que discernimos claramente a vontade divina, imutável. Discernindo-a, a observamos; observando-a, a amamos, asseguramos nossa felicidade.

Oh, beatitude invejável! Delicioso amor! Feliz submissão! Oh, diviníssima Escritura! Tu nos fazes servidores de Deus, os herdeiros do Pai Eterno, os co-herdeiros do Cristo, os comensais dos Santos! Tu nos sagras cidadãos da Jerusalém Celeste, asseguras nossa felicidade pela Eternidade! És tu quem, neste vale de misérias, onde, submetido às fadigas de toda espécie, condenados à dor, levamos uma vida que é mais uma morte lenta do que uma breve existência; és tu quem nos consola pela esperança da Eternidade!

És tu quem eleva tanto os justos, quanto os santos a uma virtude tão alta, que se pode compará-los aos Anjos! És tu quem, segundo São Bernardo, representa o seu ensinamento mais elevado e os faz chegar aos céus, tornando-os semelhantes aos Anjos, aos quais se igualam em pureza. És tu quem, no meio da mais inacessível solidão, nas cavernas, grotas, nos antros mais repletos de horrores, os inunda com uma alegria indescritível, os reconforta e os sustenta com a esperança de uma eterna felicidade!

E, para ir mais além, foi tu ainda quem, assegurando-os dá vinda do Messias, consolou os antigos Ancestrais, os quais, em razão da mácula original legada por nosso primeiro Pai, não cessavam de gemer de repetir no meio de suas lágrimas: “Céu, projetai sobre nós vosso orvalho, e que justo desça das nuvens, como uma chuva benfazeja! Que a terra possa se abrir e dar nascimento ao Salvador!”.

E todos esses invencíveis atletas do Cristo; essas Virgens tímidas que, sem desfalecimento, com uma coragem sobre-humana, desafiavam as fogueiras, as lâminas avermelhadas pelo fogo, a roda, os cavaletes, o machado do algoz, assim como todos os demais suplícios desenvolvidos pela tirania, e isso para conquistar a palma da glória celeste, não foste tu quem inspirou, quem sustentou tão majestosamente, tão poderosamente sua generosa resolução?!

Porém, neste período de misérias que atravessamos, não existe melhor maneira para assegurar a tranqüilidade de nossa vida, a paz de nosso espírito, do que seguir escrupulosamente os ensinamentos da Santa Escritura, a única verdadeira quando se remonta à fonte mais pura; ao contrário, nada pode influenciar mais perniciosamente nosso espírito, nada pode perturbar mais profundamente nossa alma que essa Escritura, regra de nossa vida, quando tenha sido alterada, corrompida, e quando não seja possível segui-la, observá-la, sem cair na contradição e no erro.

Foi o que aconteceu, dizem, logo após a Paixão do Cristo, nosso Salvador. Os judeus, enceguecidos, desnaturaram a tal ponto, em sua ignorância, esse texto sagrado, que quase todas essas passagens, onde os mistérios de nossa Redenção estavam claramente expostos, tornaram-se obscuras e incompreensíveis. Esses foram os fatos, embora alguns padres, em seus escritos, protestem contra esta asserção. Essa foi, aliás, o primeiro ataque do mal, e depois disso, graças a uma certa ambigüidade das palavras, cada um começou a interpretar a seu modo a santíssima palavra de Deus. Houve tantas versões, quanto tradutores; e, fato mais deplorável ainda, a fé variou segundo os indivíduos, a doutrina segundo os costumes de cada povo. As coisas chegaram a tal ponto, que Santo Hilário pôde, por um justo motivo, irromper-se em santos soluços pelas misérias de sua época.

Deus imortal! Que remédio radical e divino teria sido necessário para sanar esse mal?

Teria sido necessário que a Igreja, inspirada e dirigida pelo Espírito, tivesse sido a garantia da autenticidade das Escrituras; teria sido necessário que a Igreja não tivesse deixado, igualmente, subsistir nenhuma dúvida quanto à interpretação das ditas Escrituras.

Porém, não sei que potências infernais, lançadas de assalto por Satã, vieram obscurecer o céu da Igreja, até o momento sem nuvens. Deixando cair sobre esses ensinamentos um véu enganador, provocaram uma deplorável divisão, fonte de todos os males. Abandonando a via direta seguida até então, animadas por um sopro ímpio, ressoando como a trombeta do anticristo suscitaram cismas assustadores que desolaram o mundo inteiro.

Os Mestres da época tendo perdido a tradição, semelhantes a um membro gangrenado arrancado de seu corpo, nada mais divulgaram senão uma doutrina mal sã e corrompida. Deram a conhecer às mulheres, às crianças, aos ignorantes os textos mais ocultos dos livros santos, sobre os quais nenhum olhar indiscreto tinha ainda sido lançado.

Em conseqüência de uma nova maneira de ler e interpretar a Escritura chegou-se a ponto de se ver, a cada dia, qualquer ignorante proferir incríveis heresias.

São Jerônimo traçou, sofrendo, um quadro magistral dessa corrupção dos textos sagrados:

“Não existe senão uma ciência das Escrituras exclama cada um, e sou eu quem a possuí. Uma mulher velha e tagarela, um velho de cérebro enfraquecido, um verboso retórico, todos, em uma palavra, reivindicam para si a verdade, desnaturando os textos, ensinando-os antes de ter aprendido a conhecê-los. Outros, grandiloqüentes e majestosos, dissertam no meio de mulheres sobre os livros santos. Outros, enfim, ó vergonha! Aprendem de mulheres o que ensinam aos homens! E, como se isto não fosse suficiente, outros, dotados de certa eloqüência, de audácia maior ainda, pretendem ensinar a outrem o que eles próprios ignoram!”

A maioria dos padres, de espírito íntegro, procurou buscar sentido das Escrituras segundo a tradição dos apóstolos; os heréticos postularam que era preciso separar-se deles. E, cúmulo da prudência, acusaram seus discípulos de falsificarem, corromperem os textos, declarando que, para remediar mal tal grande, seria conveniente remontar-se á própria origem da escritura hebraica e distanciar-se totalmente, conforme suas palavras, dessas fontes, tão turvas, da interpretação e da tradição.

Esse fato, admitimos de acordo com São Jerônimo, a quem esses inventores de fábulas ousaram querer ensinar, e de quem a Igreja Católica recebeu a maior parte da tradução dos textos sagrados. Mas eles, os críticos de São Jerônimo, devem ser descartados, empedernidos que são por estarem no erro, como o faraó.

E se me fosse permitido um debate dessa importância, para expor livremente meu ponto de vista, mostraria, mais claramente que o Sol ao meio-dia, e apoiando-me no próprio testemunho dos rabinos, que a versão de São Jerônimo está de acordo com o texto hebraico original.

Com efeito, as citações bíblicas provenientes dessa fonte original são praticamente idênticas, tanto nos comentários rabínicos como nos escritos desse grande doutor.

As pessoas de espírito sensato, que atacam o sentido verdadeiro das Escrituras (tanto é que guardam um mínimo de bom senso, no próprio seio do disparate), apreciarão se for conveniente rejeitar inteiramente as fontes rabínicas.

De minha parte, se me fosse permitido afirmar, não temeria equivocar-me ao salientar que todos os hereges, qualquer que seja o número, podem, graças à Cabala (fundada sobre a tradição dos hebreus), chegar ao conhecimento da Verdade eterna; dessa Verdade que não podem contemplar, assim como os pássaros da noite, habituados às trevas, não podem suportar o brilho do Sol.

A Cabala, com efeito, na acepção mais ampla do termo, não é outra coisa senão a explicação mística das Escrituras, explicação que foi transmitida antes e após a vinda do Cristo, nosso Salvador. Ser-me-ia fácil demonstrar que, graças a ela, certos pontos ainda controvertidos podem ser facilmente precisados.

Mas, parece haver alguns opositores da Alta Ciência, que crêem ter conquistado conhecimentos suficientes (ou pelo menos terem se aplicado a isso) para declarar-lhe uma guerra perpetua; posso ver esses impostores, ou ouvir suas divagações, os argumentos com que refutam, rejeitam e tentam destruir, tanto a tradição dos rabinos, como os ensinamentos da Cabala, como se estivessem maculados por um germe de superstição condenável.

Foi por isso que acreditei ser útil, traçando o plano desta obra, expor inicialmente as bases sobre as quais se apóiam na ciência dos rabinos e a dos cabalistas - que seus adversários qualificam de diabólicas; em seguida, refutarei os argumentos dos seus detratores.

É necessário, pois saber, segundo o testemunho de São Paulo, de Orígenes e de Santo Hilário - cujas provas examinaremos adiante -, que, além da doutrina escrita, existia urna doutrina espiritual, não consignada pela Escritura, que os hebreus denominavam de "lei oral" (תורה בעל פה), e que era transmitida de boca a ouvido. Essa lei foi revelada a Moisés sobre o monte Sinai.

O divino legislador revelou, com o maior cuidado, os secretos ensinamentos aos setenta anciões de Israel, que os consignaram mais tarde em setenta livros.

Essa lei tratava de quase todos os mistérios que, em razão de sua profundidade, não podiam ser revelados a um povo ignorante e grosseiro, sendo, portanto reservados a um pequeno número de sábios, capazes de compreendê-los, conservá-los e venerá-los como mereciam.

Iremos pesquisar, entretanto, sobre o que repousa esta opinião.

Em sua Epístola aos Romanos, São Paulo, parece aceitar bem este ponto de vista: "O que possuem, pois os judeus a mais do que os outros povos? Sob qualquer ponto vista, qual a utilidade da circuncisão? Eles são privilegiados em muitas coisas, notadamente em uma: a palavra de Deus lhes foi confiada".

Comentando esta passagem do apóstolo, o mui judicioso Orígenes exprimiu-se assim: "Observemos que São Paulo não diz que as Escrituras é que foram confiadas aos judeus, mas a palavra de Deus".

De onde resulta, da maneira mais evidente, como observou o célebre Pico de La Mirandola - sem dúvida, o primeiro filósofo -, que além da lei escrita existia uma outra confiada aos judeus, que São Paulo denominou de **Palavra de Deus**.

O testemunho de Orígenes é, evidentemente, de um valor incontestável; podemos afirmar que existem outros tão sérios quanto o dele, mas não tão comprovativos.

Aliás, a Igreja Apostólica Romana, cujo julgamento e crítica submeto voluntariamente tudo o que tenho a dizer, não condenou esse grande padre a esse respeito.

Queremos por outro lado, reproduzir aqui, aos olhos de todos, dois testemunhos irrefutáveis contra nossos adversários. Embora sejam extraídos das obras que a Igreja tem como apócrifas, nós os mostraremos assim mesmo; com efeito, o santo Concílio de Trento julgou que essas obras não deviam ser inteiramente rejeitadas.

Alguns padres da Igreja, como São Jerônimo, São Cipriano, Santo Ambrósio e outros, citam-nos algumas vezes; enfim, certas versões latinas da Bíblia, tanto as manuscritas como as impressas, fazem menção a eles.

O primeiro dessas testemunhas é retirado do 4º livro de Esdras, cap. XIV, versículo 3, onde se pode ler: "Mostrei-me na sarça ardente. Fazendo-me conhecer, e falei a Moisés, enquanto meu povo encontrava-se escravo no Egito; enviei Moisés na direção de meu povo e o fiz sair de Egito. Conduzi-o em seguida para o monte Sinai; guardei-o ali inúmeros dias e desvelei-lhe numerosas maravilhas; descobri-lhe os segredos dos tempos futuros e seu fim; dei-lhe essa ordem, dizendo: Poderás divulgar essas palavras, mas manterás as outras secretas". E nos versículos 45 e seguintes: "Aconteceu que, no fim de 40 dias, o Altíssimo fez ouvir sua voz dizendo: Divulga os primeiros livros que escrevestes, e que todos, dignos ou não, possam lê-los; quanto aos 10 últimos, reserva-os cuidadosamente e confia-os em depósito aos sábios de teu povo. Pois eles contêm a água do Espírito, a própria fonte de sabedoria, o rio do conhecimento. E os fiz segundo a palavra de Deus".

Eis boas provas que nenhum homem sensato ousaria rejeitar, assim como Igreja, que recebe a inspiração divina, não as desaprovou completamente.

Se alguns críticos, cedendo a uma incrível necessidade de argumentar, continuam a atacar essas provas e nos convidam a produzir os testemunhos dos padres da Igreja, apontarei inicialmente o seguinte, de Santo Hilário:

"Moisés, disse ele (Supra, Salmo 2), tinha anteriormente estabelecido em cada sinagoga um conselho de setenta doutores; isto porque, embora Moisés tenha consignado por escrito os

ensinamentos do Antigo Testamento, havia reservado, contudo, algumas passagens muito secretas da Lei. Ele as confiou em depósito a setenta anciãos, que se tornaram depois os doutores da Lei. Nosso Senhor faz alusão, no Evangelho, a esse corpo de ensino quando diz: Os escribas e os fariseus ocupam hoje a cátedra de Moisés; observai e realizai tudo o que vos ensinam, mas reservai-vos de fazer o que fazem. Ora, seu ensinamento perpetuou-se; ele vem do próprio Moisés; o número e a função desses anciãos conservaram-se; permaneceram depositários da Lei".

Exprime-se, assim, literalmente, Santo Hilário. Pode-se concluir que não é possível encontrar um argumento mais explícito, mais claro, confirmando a existência de um duplo ensinamento da Lei.

Não venha o argumentador impertinente ensinar que, em certas edições de Santo Hilário, encontra-se na margem estas palavras: "Eu nada creio". Quem possa ter sido o autor desta anotação, quer Erasmo ou outro tenha feito essas adições, o que importa? O texto original não contém absolutamente nada de semelhante. Não direi nada a respeito de sua pretensão de corrigir o texto e de ler **perfeito**, em vez de **profeta**.

Mas, abandonemos a sagacidade aos eruditos o cuidado de fixar esse ponto e vejamos o que os sábios disseram a respeito da Cabala ou Lei Oral.

Eusébio, em sua **História da Igreja**, livro VI, cap. 28, reconhece que essa lei oral foi dada a Moisés sobre o monte Sinai. A mesma opinião foi sabiamente sustentada por São Gregório de Nazianzo, em sua obra **Do Estado do Episcopado e da Teologia**, I; Joseph **Antig. Jud.**, Livro IV, cap. 7; P. Galatinus, **De Arcanis Catholicae Veritatis**, I, 199; Reuchlin, **De Cabala**, livro I, Oleast., cap. II; Medina, **De recta fide in Deum**, livro VII, cap. 14; Lud Coelius Rhodigum, **Antig. Lect.**; o bispo Aug. Justin Nebiensis, **Escólios sobre os Salmos**; Paul Burgensis, bispo de Míendorf; **De Academicis**, P. Phagijs, **Genesis**, cap. XVI e **Números**, cap. I; Athon, Margarita, **De Cerimonis Judaeorum**; C. Postellus, **Da Orig. e Antig. Ling. Hebraica**; Anton. De Guevarra (Espanha), livro II, **Das Cartas**; Gorop. Becan, **De Lit. Hierogl.**, livro VII; Porcherus, **Victoria contra Judaeos**; Michael Neander, **De Cabala Judaeorum**; Bibliander, **Comment. Omnium linguarum**, I. Cheradamus, **Alphabet. Linguae sanctae**; Paulus Israelita, **De Cabala Judaeorum**; Conrad. Gesnerus, Mithridate, Bibliander, **De Opt. Genere Gram. Hebraicae**; Sextus (de Sienna), livro II, de sua **Biblioteca**, assim se expressa:

"A Cabala é a interpretação secreta da Lei Divina, recebida por Moisés da própria boca de Deus. e transmitida por ele aos sábios de Israel, e vinda destes por uma tradição não interrompida, verbal e não escrita, até nossos dias. Ela possui muitas relações com o que chamamos de interpretação analógica, mas é mais elevada, pois ascende as coisas da terra às do Céu, do sensível ao inteligível, do Tempo à Eternidade, do corpo ao Espírito, do homem a Deus, etc."

Genebrardus, confirmando por sua vez a existência dessa divina Cabala, ou tradição oral, expressa-se assim nas folhas 21 e 22:

"Não é admirável que Adão tenha ocultado a seus filhos e á sua descendência os ensinamentos necessários á sua salvação. Em toda à parte isso foi julgado indigno de um pai, sobretudo nesse caso, por tratar-se de Deus, de sua palavra, de seu espírito, que lhe tinha sido permitido perceber. Ao contrário, ele os instruiu sobre a criação do Universo (Gen. 2), na qual tinha ocupado o mais nobre lugar, a tal ponto que, por ordem de Deus, foi quem designou a cada coisa um nome em relação a sua própria natureza".

Falou-lhes acerca da alma universal da vida, da qual fora concebido e formado à imagem e á semelhança de Deus, de quem era a verdadeira expressão (Gen. 1), da grandeza do homem, de sua supremacia sobre toda a Criação, que teria recebido como apanágio (ibid.); do estado de inocência que o fizera cair, de sua queda, de seu pecado, fonte de todos os males, que c tinha exilado de um

jardim de delicias, imagem da vida imortal futura; dos anjos, alguns armados com um gládio, flamejante e giratório, defendendo a entrada desse paraíso terrestre; dos demônios, inimigos do gênero humano, de seus embustes e, notadamente, de um entre eles, que, sob a forma de uma serpente, havia enganado Adão e Eva; do Filho da mulher, isto é, do Cristo, que lhe foi prometido para resgatá-lo de sua falta e de sua condição miserável (Gen. 3); da santidade do casamento e das leis que o regem, que ele próprio tinha predito (Gen. 2); dos sacrifícios e do culto rendido a Deus; dos mandamentos de Deus e de sua vontade; da morte, da penitência, de todas as penas geradas pelo pecado, do qual tinha ele próprio a experiência ou que lhe tinham sido reveladas por Deus e também pelas próprias deduções de seu espírito; de sua natureza superior e perfeita; enfim, revelou a eles todos os ensinamentos secretos, necessários à nossa salvação, com os quais Deus lhe havia contemplado: não somente como a um profeta, mais, mais do que isso, como a um ser tirado de sua própria essência."

Igualmente (**Chron. Hebr.** folha 68, **História da Cabala**), o sábio rabino Abraham Lévi, a glória dos mestres, assim se expressa em relação a Josué, filho de Nun: "Que a paz esteja com ele. Recebeu dele (isto é, de Moisés) as duas leis: a lei escrita e a tradição oral. Ora, foi dito que Moisés, o primeiro de nossos legisladores, mantinha controvérsias com os hebreus da manhã à noite. E não se pode pretender que, com essas palavras, ele se tenha referido somente ao ensinamento da lei escrita. Isto é inadmissível; a lei escrita, com efeito, não trata de nenhum dos mil casos de disputa que surgiam diariamente. Ele instituiu, pois, logo após, para tratar disso tribunais, centuriões, quinquagenários, decuriões, e lhes fez a seguinte prescrição: Julgai os casos de vossos irmãos segundo a justiça e a equidade. Mas, foi com seu próprio código que ele vos prescreveu, naqueles tempos, o que deveis fazer. E, este ensinamento que ele vos deu não é outra coisa senão a lei oral, e diz respeito também aos sacrifícios e seu ritual: Farás sacrifícios e alimentar-te-ás como te indiquei.

"Moisés indicou, assim, claramente, que se prescrevessem relativamente aos sacrifícios, regras que não se encontram na Lei. Ora, é impossível que ele não as tenha transmitido a seu sucessor Josué".

"Josué, de sua parte, as transmitiu aos anciãos de Israel e morreu no ano de 2517 AC. Os sábios que sucederam a Josué as transmitiram aos profetas; estes, enfim, as transmitiram uns aos outros, de século em século, através das idades, até Haggias, Zacarias e Malaquias".

"Os profetas as transmitiram igualmente aos membros da Grande Sinagoga, notadamente a Zorobabel, filho de Salathiel, que por sua vez era filho de Jeconias, e aos que regressaram com ele do cativo da Babilônia: Jesus, Nehemias, Seroina, Raalia, Mardocheu, Balsanus, Masparus, Bagoa, Bhanur, Baana, que eram na verdade os chefes da Grande Sinagoga". Tal é a opinião de Abraham Lévi.

Segundo esses autores célebres, cuja opinião acabamos de expressar, todos os rabinos ou cabalistas, que procuraram penetrar os mistérios sagrados dessa augusta tradição da Cabala, ou cabalística, afirmam, como já o dissemos, que, além da lei escrita, existe um outro ensinamento, secreto, ao qual denominam Cabala, palavra derivada do verbo hebraico *quibbel* (קבל), que significa receber. Definem, assim, essa recepção ou Cabala: a Cabala é a transmissão simbólica da revelação divina que nos permite, para nossa salvação, contemplar Deus e as formas separadas.<sup>1</sup>

Dizemos revelação divina, porque foi revelada a Adão, durante seu sono, como os hebreus sempre afirmaram. Foi o que lhe permitiu dar um nome aos animais da terra e os pássaros do céu, de modo mais adequado para especificar cada um deles segundo sua natureza.

Esta revelação divina não foi feita apenas a Adão, mas também a Moisés, no monte Sinai, como foi dito anteriormente.

<sup>1</sup> Espíritos substâncias espirituais, intermediárias, almas e anjos.

Pico de La Mirandola, em suas **Conclusões Cabalísticas**, a divide em ciência das Sephiroths e ciência dos Schemoth, isto é, uma parte "ativa" e outra "puramente especulativa".

Mas abandonemos as generalidades e penetremos nos detalhes. Existe, com efeito, segundo grandes cabalistas anteriores a Pico de la Mirandola, uma Cabala do Bereschit e uma Cabala do Mercavah.

A primeira contém duas seções: uma trata das forças ocultas do Universo; outra pesquisa as leis que regem nosso mundo sublunar.

Foi desta última, afirma-se, que se ocupou o sábio Salomão. Ele dissertou sobre todas as criaturas do reino vegetal, desde o cedro, que domina o Líbano, até o hissopo da muralha.

A Cabala do Mercavah não é outra coisa senão a teologia simbólica ou mística, a ciência contemplativa das coisas sublimes e divinas.

Ela se divide igualmente em duas seções: uma, dita do Bereschit, estuda os arcanos mais profundos dos números; outra, dos Schemoth, trata dos mistérios dos nomes divinos e dos nomes das criaturas.

E o que explica como se encontra nos escritos dos cabalistas hebreus tudo o que os antigos expuseram relativamente à magia. Não falo da magia negra e diabólica, sobre a qual convém lançar um véu espesso de sombra, mas da magia permitida, daquela pela qual os antigos sábios do Oriente – os Persas notadamente, que penetraram muito antes nos mistérios da divindade e da Natureza – puderam realizar maravilhas, segundo o testemunho de Santo Agostinho, servindo-se de meios exclusivamente humanos, aplicando as potências ativas aos elementos passivo.

A magia compreendia, com efeito, segundo Plínio, três seções, que se encontram igualmente na Cabala: a teologia, a medicina hermética e a astrologia.

A teologia servia para purificar o homem, tornando-o apto a receber os ensinamentos ocultos, fazendo dele um amigo de Deus, colocando-o em condições de estudar, de modo sagrado, as coisas sagradas.

A medicina hermética tratava da virtude das ervas, das pedras e dos metais, da simpatia e da antipatia que existe em cada um deles.

A astrologia, enfim, tinha por objetivo verificar, no momento de se iniciar um projeto qualquer, se as condições do tempo eram favoráveis ou desfavoráveis; os movimentos dos corpos celestes e suas influências diversas sobre as coisas terrestres.

Não há dúvidas, segundo a experiência cotidiana, de que as forças celestes, do alto, exercem uma ação sobre os seres terrestres, de baixo.

Pode-se concluir claramente, do que precede, que a Cabala contém uma parte teórica e uma parte prática. Alguns de seus ensinamentos são, com efeito, exclusivamente práticos, enquanto outros são puramente místicos. Estes últimos tratam de Deus, dos anjos, das idéias e de tudo o que daí deriva. Esta seção não se limita em estudar minuciosamente os atos que emanam do próprio Deus e dos espíritos celestes; ela faz com que os conhecimentos assim adquiridos sirvam igualmente às necessidades do gênero humano. Esta ciência é incontestavelmente a própria sabedoria divina!

Foi por amor a ela, levados pelo desejo de conquistar tão nobres conhecimentos, que a maior parte dos verdadeiros teósofos da Antigüidade tais como Empédocles, Demócrito, Platão, Pitágoras e

tantos outros – realizaram longas viagens para saciarem-se nesses rios de sabedoria, bebendo na própria fonte.

Assim o ilustre filósofo Apolônio de Tiana passou longos anos a sua procura, perseguindo-a sem descanso no meio da maldade e da ignorância dos homens, a despeito das desgraças do tempo, da miséria causada. Pelas guerras, enquanto ele parecia ter retirado inteiramente da terra.

Incansavelmente, segundo o testemunho de São Jerônimo, ele percorreu a Pérsia, atravessou o Cáucaso, visitou os albaneses, os escitas, os nissagetes e penetrou até o fundo dosd potentes impérios da Índia Enfim, tendo atravessado o imenso rio Fison, chegou junto aos brâmanes. Aí, ouviu Jarchas, sentado em um trono de ouro, no meio de um pequeno número de discípulos, saciando-se na própria fonte do Tântalo, ministrar seu ensinamento sobre a natureza, o movimento das estrelas e o curso dos dias.

De lá, através do Elam, da Babilônia, Caldeia, Média, Assíria, do reino dos Partas, da Síria, Fenícia, Arábia e Palestina, retornou á Alexandria. Retornando pelo seu próprio caminho, estabeleceu-se na Etiópia, para ver os gimnosofistas e a Famosa tábua do sol, que se encontra no deserto.

Deixemos, pois, a opinião desses ignorantes detratores de todas as coisas, que, para tornar odiosa e desprezível aos olhos da posteridade essa palavra Cabala (a qual, representada por alguns como a síntese de uma ciência demoníaca, monopolizada por outros, e explorada por hábeis charlatões, quase caiu na abominação), tiveram a incrível, a criminosa audácia de afirmar que a Cabala tornava o homem diabólico, infernal, semelhante ao anticristo!

Por infelicidade, ela permitiu aos críticos, cuja sinceridade não pode ser colocada em dúvida, concluir que os cabalistas recebiam sua inspiração de perniciosos demônios; que eles eram sem dúvida, desavergonhados caluniadores, devendo ser punidos com toda equidade.

E, contudo, pergunto-me, em verdade, o que se pode encontrar de mal na Cabala!

Assim, convido esses monstros, esses homens abomináveis, a escutarem o que disse das duas Cabalam o célebre conde da Concórdia (Pico de la Mirandola). Talvez cessem, em seguida, de vomitar suas injúrias caluniosas. “Não existe – disse ele - Ciência mais adequadas para nos convencer da divindade do Cristo do que a magia e a Cabala”.

Mas, mas replicam nossos adversários, a Cabala faz uso dos pantáculos! Pois bem! Que conclusão tirais? Podem-se condenar os signos que são das coisas divinas?

Cristo não ensinou que deveríamos fazer tudo em seu nome? Ora, esse nome, segundo o próprio Archangelus de Burgonovo, não pode ser expresso a não ser por meio de letras, pronunciadas ou escritas! Estas últimas são justamente os signos de que se fala.

Saio Paulo, cujo peito vibrava pela palavra do Cristo, disse igualmente: "Tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ato, deve ser feito em nome de Jesus!".

A cruz é também um signo de que nos servimos habitualmente, um signo de uso freqüente.

Na antiga lei, era igualmente prescrito ao sacerdote cobrir sua frente com o grande nome de Deus, com seus caracteres assim escritos (יהוה), no momento de entrar no santo dos santos (Êxodo).

Não se deve, pois, rejeitar todos os caracteres! Há os que são sagrados, dos quais se disse: “são instrumentos úteis para a obra divina, assim como existem instrumentos naturais, úteis para as operações feitas na natureza”.

Os adversários dos cabalistas não deixam de praticar suas diatribes e perguntam: “de onde provêm então, se não do demônio, tantas coisas extraordinárias realizadas através da Cabala?”.

Homens medíocres e cegos! Pusilânimes e sacrílegos, sepultados nas trevas da ignorância! Toda vês que um fato extraordinário, admirável, se oferece a vossos olhos, ou vos é narrado, vós o atribuíis ao prestígio do inferno e o qualificais como obra diabólica?

Igualmente, os povos selvagens do Novo Mundo, quando viram os espanhóis pela primeira vez, tomaram-nos por deuses, por filhos das Nuvens celestes, porque seus canhões imitavam o trovão, porque faziam os homens falar entre si através da escrita ignorada por esses selvagens, e porque os sinos dos seus relógios batiam sozinhos!

Acreditavam igualmente que seus navios tinham caído do céu, que seus cavaleiros, como centauros, tinham sido criados assim pela natureza.

Os antigos cabalistas designavam todas as partes da Cabala, acima enumeradas, por uma única palavra: גנת

Com efeito, as três letras da palavra indicam, cada uma, a matéria tratada em cada divisão correspondente da arte cabalística.

Gimmel (ג) se refere à Gematria: Nun (נ) ao Notaricom! (Ars notaria); Thav (ת) à Themurah.

Desta maneira, a Cabala encontra-se dividida em três partes. A Gematria (geometria), ou ciência dos números, que ela estuda em sua abstração, as revoluções das palavras e dos números.

O Notaricom regula o emprego das letras para substituir toda a palavra (abreviações), uso ainda corrente pelos notários. Era muito usada pelos romanos. Empregavam sobre tudo em suas fórmulas judiciárias e em quase todas as inscrições de seus monumentos e estátuas. Por exemplo, temos H.M.E.T.H.N.S. e S.P.Q.R. fórmula bem conhecida, onde cada letra significa toda a palavra que representa.

A Themurah ocupa-se da transposição das letras; consiste em escrever um caractere no lugar de outro, segundo um método especial.

Alguns exemplos ajudarão a compreender esses métodos:

No primeiro capítulo do **Gênesis**, a primeira palavra, **Bereschit**, é traduzida: “No principio”.

Ora, grandes teólogos afirmam que Bereschit significa: “Estabelecerei o filho, porque o Pai Eterno, desde o principio, isto é, em toda a eternidade - se for permitido expressar-se assim - engendrou seu Filho único; e que esse Filho, desde o principio dos Tempos (o que o apóstolo São Paulo denominou **Plenitude**), deve encarnar-se no seio de uma Virgem muito pura”.

Ora, tudo isso se encontra na palavra Bereschit, desde que se faça com ela uma pequena transposição: (אשריבת). Isso significa dizer: filha bem-aventurada, ou filha das beatitudes, ou ainda filha das felicidades celestes; todas são expressões que designam fielmente à venerável e santíssima Virgem Maria.

Esta não é, em verdade, como a primeira Eva, mãe das calamidades, curvando-se sob o peso das misérias, das provas de todas as espécies; ao contrário, é a nova Mãe das Misericórdias, a Virgem cheia de graça, sobre a qual (repousou) a sombra do Espírito Santo.

Da mesma forma, na palavra Bereschit, Aleph (א) e Beth (ב) nos revelam o Filho único do Pai; igualmente, na palavra seguinte (אלהים), Deus, encontramos a indicação da mãe desse Deus.

Com efeito, a primeira e a última letra da palavra acima, Aleph (א) e Mem (מ), reunidas, dão אמ, que significa mãe.

Mas, outro mistério é igualmente revelado pelos nomes Bereschit e Aelohim, nos quais os cabalistas encontram a revelação do Filho vivo de Deus.

Além disso, as palavras Bereschit, Bara, Elohim, referem-se à morte do Cristo; pois as últimas letras dessas três palavras, Aleph, Mem, Thau, formam אמת (verdade), e dispostas conforme as regras da Cabala significam: "O Homem-Deus morreu (*O Adão moth* אל אדם מת), e nele estava a verdade".

De outra parte, e baseando-se no valor numérico das letras da palavra Bereschit, os mesmos sábios cabalistas fixam exatamente a data da Natividade, da Crucificação, da Ressurreição e da Ascensão de Jesus Cristo, nosso Salvador!

Bereschit lida etimologicamente, (בר אשית) **Bar aschith**, significa: "Eu vos darei meu Filho", e indica o tempo em que esse Filho será dado; a data é exatamente confirmada pelo valor numérico das letras da palavra Messias (enviado).

Eis como se procede: extrai-se inicialmente do nome as letras cujo valor é superior a cem (segundo a numeração dos hebreus), Schin, 300; Thau, 400.

Decompondo em seguida a palavra Bereschit em todas as letras que a formam, tomam-se ainda em seu nome, explicitamente escrito, as que são superiores a 100. De Beth., extrai-se pois Thau 400; de Resch, 200; depois, a última letra Schin, 300; na palavra (אלף), toma-se Phe, 800; no Schin, 300; Nun final, 700; em Thau, 400. Adicionando esses números, obtém-se a soma de 4000 anos.

E, com efeito, o Cristo subiu aos céus, onde foi colocado à direita do Pai Eterno, após ter vencido o demônio, a morte e o inferno, no ano 3996 da criação do mundo, data que difere apenas de quatro anos dos 4000 anos indicados acima.

Da mesma maneira, por um método de cálculo análogo, os antigos padres da Igreja estabeleceram que Melchisedeq, esse famoso rei de Salém, prefigurou e anunciou o Messias, esperado há tanto tempo. Afirmam que seu sacrifício, a oblação do pão e do vinho, foi a figura da presença real do corpo do Cristo na Eucaristia, como o demonstramos alhures.

Assim, graças a essa maneira oculta, embora cristã, de somar, observa-se claramente, no quadro a seguir, que existe uma identidade entre Melchisedeq e Jesus.

10234	76310
מלכי	ישוע
1049	8134
צדק	משיח
Malchi	Iechouah
tsedek	Machiach
-----	-----
42	42

A segunda parte da Cabala, através de um método análogo, ensina a arte de representar uma palavra inteira por intermédio de uma única letra.

Assim, na palavra **ברא** (*Bará*), que é a segunda do primeiro livro de Moisés, os cabalistas cristãos encontram a afirmação da trindade das pessoas na unidade da essência divina, assim como a declaração das emanações da divindade, e isso diferentemente da opinião dos judeus, que sustentam opinativamente o oposto.

Eis como Beth, que é a primeira letra da palavra Bará, significa Ben, que se traduz por Filho; Resch, que é a segunda letra, significa Rouach, o Espírito Santo enfim, Aleph significa Ab, o Pai.

Beth, Filho, é a primeira letra que se oferece aos olhos do leitor, porque o Filho, tendo-se feito homem, visível e mortal, encontra-se sob o controle de nossos sentidos, bem mais do que as duas outras pessoas divinas.

Resch, Rouach, o Espírito Santo, está colocado no meio da palavra, para bem manifestar esta emanação divina, que faz com que o Espírito Santo proceda do Pai e do Filho.

Finalmente, Aleph ou Ab, Pai, vem em último lugar, para demonstrar claramente que á pelo; Filho e pelo Espírito Santo que podemos ascender ao Pai, conforme a seguinte parábola do cristo, nosso Salvador! “Ninguém poderá chegar ao Pai a não ser através do Filho”

Esta seção da Cabala contém ainda um grande número de segredos, tão curiosos quanto úteis, tomados dos egípcios e dos antigos sábios, e expressos por hieróglifos impenetráveis aos profanos.

Eu os estudei longamente em meu comentário sobre as **Conclusões Cabalísticas** de Pico de Ia Mirandola. Assim, limitar-me-ei a expor aqui o que Reuchlin, segundo os rabinos, comentou a respeito de Judas Macabeu.

Ele conta, pois, que existiu outrora, no tempo de Antiochus Eupator, um famoso guerreiro, um general ilustre, Judas, filho de Matatias, que combateu heroicamente pela lei, pelo templo, por Jerusalém, sua pátria, e pelos judeus, seus concidadãos.

Tendo Antiochus lançando-se com seu exército contra os seus, Judas, instruído por um anjo, deu, como sinal de adesão a seus companheiros de armas, um estandarte, sobre o qual mandou colocar a famosa palavra **מכבי**. Essas quatro letras deveriam manter sua coragem durante o combate; e prometeu-lhes que, por esse signo, Deus lhes daria a vitória. Os judeus aceitaram-no com alegria, como um talismã que deveria assegurar-lhes uma poderosa proteção. Combatendo com ardor sob essa égide, penetraram no campo inimigo, massacraram 14.000 homens, assim como um grande número, de elefantes e os guerreiros que os montavam.

Após essa façanha, Judas, o chefe do exército, como nos referimos acima, recebeu por aclamação o sobrenome de Macabeu, palavra formada pelas quatro letras inscritas em seu estandarte e que se pronunciava Macabei.

Atribuindo a vitória ao poder desse estandarte, seus companheiros, os tribunos militares e os sábios de Israel manifestaram sua admiração e perguntaram a Judas Macabeu por que aquele signo lhes proporcionara um sucesso tão brilhante.

O herói respondeu que a proteção de Deus todo poderoso e inefável residia nessas quatro letras; e chamou-lhes a atenção para as palavras de Moisés, no capítulo XV do Êxodo, que se traduzem assim: “Quem é forte como tú, entre os fortes, Tetragrammatom?”.

As quatro letras, acima indicadas, sintetizam, com efeito, esta exclamação pela inicial de cada palavra, Iod aí é considerado como expressando claramente a palavra Tetragrammatom.

E, pela equivalência numérica, מַכְבִּי corresponde ao nome divino de 72 letras, que é um maravilhoso símbolo.

Inflamados pelo pensamento de que Deus tinha combatido com eles, os soldados de Judas Macabeu lançaram-se em uma nova batalha; segundo as Escrituras, exterminaram cerca de 35.000 homens, cheios de alegria ao pensarem na presença do Senhor e bendizendo com voz unânime: Tetragrammatom, o Deus todo poderoso!

Este exemplo demonstra que uma palavra inteira pode ser expressa por uma única letra, seja ela empregada só ou introduzida na estrutura de uma palavra composta. A tradição ensina igualmente que uma única palavra pode expressar uma frase inteira. Por exemplo, em Daniel, Mane, Thecel, Phares: “Ele contou, pesou e dividiu”.

Essas palavras, aplicadas a Nabucodonosor, significavam:

“Deus contou os dias de teu reino e eles passaram”.

“Ele foi pesado na balança e foi considerado muito leve”.

“Teu reino foi dividido e dado aos medos e aos persas”.

Assim, uma única palavra pode ser formada por letras extraídas de diferentes palavras; ou várias palavras, condensadas em certas letras, podem resumir-se em uma só. Aqui, é a unidade que sai da multiplicidade; lá, é a multiplicidade que é engendrada pela unidade. Tal é a exposição do sapientíssimo Reuchlin.

Esse ilustre cabalista acrescenta, ao expor a terceira parte da Cabala - que trata da mutação das letras (Aleph combina-se com todas as letras e estas com Aleph; igualmente para Beth e para as demais letra), que: “Este método nos foi transmitido, não para destruir os mistérios sagrados das Escrituras, ou para ridicularizá-los, mas para conservá-los com piedoso cuidado”.

Com efeito, por intermédio das letras, eleva-se mais facilmente à meditação das mais altas verdades; elas permitem compreender igualmente o sentido das coisas sagradas. Exemplo: Deus, dirigindo-se a Moisés, do seio da nuvem, disse-lhe; “Eis que venho a ti em uma nuvem espessa, para que o povo me escute falar-te e, sobretudo, para que ele creia para sempre nas 22 בן.

Não se deve crer na Cabala como o fazem as velhas damas, mas com uma fé sólida; os ensinamentos que foram dados à nossos pais, através das letras, devem ser recebidos por nós com amor, alegria, contentamento, satisfação e confiança, como é dito no Salmo LXX: “Iluminação e alegria nas 22 para aquele que te buscam”.

É necessário saber, com efeito que as 22 letra são o fundamento do mundo e da lei, como foi muito bem demonstrado no segundo livro do tratado **O Jardim das Nogueiras**.

Encontra-se no início do Genesis, capítulo 3, versículo 21, o belo exemplo da transposição cabalística das letras; Deus fez para Adão e para sua esposa כתבות עות vestimentas de pele; transpondo-as cabalisticamente, obtém-se כתבות אות, que significa véus de misericórdia, substituindo-se ע por א, em razão da analogia da pronúncia.

Os cabalistas afirmam que os sábios de Israel após Moisés, e mesmo os Patriarcas, antes dele, conheceram por revelação todos os mistérios da Cabala.

Por ela o infeliz Adão, árvore da vida<sup>2</sup> do gênero humano, compreendeu que portava em si o tipo do Salvador que triunfa da morte sobre essa mesma madeira.

Cheio de desgosto e de dor, nosso primeiro pai gemia e se lamentava quando o anjo Raziel lhe apareceu; e, para encorajá-lo, fez com que ouvisse estas palavras: “Não te aflijas demais não te consumas em gemidos, porque conduziste o gênero humano a perdição. Esta falta original será resgatada. Sairá de tua raça um homem justo, amante da paz, um herói cujo nome, em sinal de misericórdia., conterà estas quatro letras יהוה”

“Com uma fé ardente, ele fará sem hesitação o sacrifício de sua vida; estenderá a mão, pegará um pedaço de madeira, e o fruto dessa madeira será a salvação para todos aqueles que o esperam”.

Então, esse infeliz pai de uma raça desafortunada, no meio das tormentas, da dor, da angústia, da aflição que lhe causava a miséria na qual caiu – miséria que deplorava nas lágrimas, na tristeza de seu coração, Adão, afirmo, rendeu graças à infinita misericórdia de Deus. E teve a firme esperança de que seus descendentes seriam, um dia, restabelecidos em seu estado original.

Não quis que sua esposa ignorasse a misericórdia, o favor que a insígnia de Deus lhe concedera, e participou-lhe o que o Anjo lhe tinha revelado, para encorajá-la.

Assim quando Eva engendrou Caim, acreditando ter dado a luz o homem anunciado pelo Anjo Raziel, exclamou com júbilo: - “Possuo o homem tetragramático (prometido)”.

Abel, igualmente, segundo os mesmos cabalistas, não ignorava este mistério. E quando viu Caim, seu irmão, armado com uma pesada massa de madeira, precipitar-se sobre ele, não procurou evitar sua ira. Pelo contrário, ficou cheio de alegria, não manifestando nenhum temor, mostrando-se feliz de ser morto por essa madeira, pensando que sua morte iria salvar o mundo, que estava na perdição por culpa de seu pai. Ofereceu-se ao sacrifício como vítima propiciatória, para acalmar a ira celeste.

A mesma revelação foi igualmente feita a Abraão, esse venerável ancestral dos crentes!

Tetragrammatom apareceu-lhe e lhe disse: “Farei uma aliança durável contigo e com os teus descendentes, até a posteridade mais longínqua, para que eu seja teu Deus e o Deus da posteridade que te sucederá”.

Essas palavras encheram Abraão de surpresa. Ele tinha então quase cem anos e não possuía nenhuma linhagem. Refletindo, contudo, que ainda estava vivo e que Sarah, sua esposa, talvez ainda não estivesse irreversivelmente estéril, o santo patriarca, segundo a palavra do Apóstolo, “aguardou com toda a esperança!”.

Deus considerou sua fé; sua forte confiança foi recompensada pelo nascimento do filho tão desejado: Isaac!

Mas, ó prodígio da sabedoria; ó desígnio insondável da Divina Providência! Assim que esse filho tão querido cresceu, veio a ordem de Deus: “Pega teu filho Isaac tão querido a teu coração, e vai ao lugar que hei de te indicar em sonho; e, lá o sacrifica para mim em holocausto!”. Esta ordem parecia

---

<sup>2</sup> Em francês, bois de vie. Significava a medicina universal, ou a pedra filosofal. A madeira é o símbolo da matéria prima a substância universal. Na liturgia católica, a madeira é tomada como sinônimo da cruz, e na Cabala como árvore da Vida. Nas tradições antigas, a madeira ou árvore participa da ciência, e o fruto resultante é o conhecimento. O bastão dos magos. Feito de madeira simboliza o poder de comando sobre os quatro elementos; a madeira indica, finalmente, o material com o qual será construída a morada misteriosa de Deus, o Templo de Salomão. (Nota do Tradutor).

cruel e de um rigor extremo! Mas, ó mandamento agradável; ó benefício invejável! Ele encheu Abraão de júbilo e o fez estremecer de alegria.

Ocorre que recebera de seus pais o conhecimento do mistério da árvore da vida e lembrou-se da divina promessa: “Em ti serão abençoados todos os povos da terra!”.

Partiu então, á noite, com seu filho, após ter cortado com suas próprias mãos a madeira de sacrifício; pois sabia que o mundo deveria ser resgatado pela arvore.

Subiram ao ápice do monte Moria! Adão, outrora, tinha levantado um altar nesse local; Abel, Caim, Noé e seus filhos ai tinham oferecido sacrifícios ao Senhor<sup>3</sup>. Nesse mesmo local, enfim, elevou-se mais tarde o Templo de Salomão.

Tendo colocado a madeira sobre os ombros de seu querido filho, o pai e o filho, o sacrificador e a vítima, chegaram ao local escolhido.

Tendo Abraão erguido o altar e colocado sobre ele a madeira, com pulso firme pegou seu filho bem amado, a esperança de sua raça, o ornamento, a jóia de sua tribo, sem que esse tivesse apresentado a mínima resistência.

Quem poderia duvidar, diante; disso, que Issac não fora instruído por seu pai do mistério da árvore da vida?

Entretanto, para apoiar a realidade desta revelação da Cabala com outros testemunhos, quero trazer aqui as palavras do sábio e discreto Reuchlin<sup>4</sup>, a quem o mundo cristão tanto deve! Ele foi, com efeito, o primeiro cristão a ensinar a língua hebraica; e tratou, com muita sabedoria, de inúmeros temas úteis a nossa fé, adaptando-os de maneira perfeita, temas que extraiu da própria história dos hebreus.

“Se, disse ele, Isaac não houvesse recebido de seu pai esta tradição transmitida pela Cabala, de que o gênero humano seria salvo pela árvore da vida, pelo sacrifício desse justo, anunciado pelo anjo, que se ofereceria a si próprio em holocausto; não teria certamente (toda a vida tem horror à morte) dado prova de uma grande boa vontade, sorrindo ao objeto da morte, suspenso sobre sua cabeça, aceitando-a com um coração radiante! Cedendo à fraqueza da natureza humana, ele se teria negado a esse rigoroso evento. Pelo menos, teria tentado, por comoventes súplicas, acalmar o rigor de seu pai ou subtrair-se a ele. Em vez disso, considerando que deveria ser ele próprio a vítima pela qual o mundo seria resgatado do pecado original, nada lhe parecia mais agradável que esse sacrifício, nada mais doce do que essa morte, que, em seu pensamento, deveria salvar todo o gênero humano!”. Tais são os argumentos de Reuchlin.

Mas, todos esses grandes pensadores, que se tornaram os campeões da Cabala, transformaram-se no alvo das zombarias dos sofistas verbais. Estes, não dando importância senão aos fatos inerentes aos sentidos físicos e ilusórios, obstinam-se em denegrir essas verdades eternas, porque as ignoram ou porque não são capazes de compreendê-las.

Eles podem latir à vontade, como cães furiosos, cada vez que se depararam com algum segredo inacessível a seu entendimento. Podem exercer sua raiva impotente sobre tudo o que ignoram, sobre as verdades sublimes, profundas, divinas que atacam. Eles se parecem com essas cabras que, sempre febris - segundo a expressão de Varron, corrompem tudo o que tocam com seu hálito pestilento.

<sup>3</sup> Genebr. Chronolog. Hebr. Folha 115.

<sup>4</sup> Genebr. Chronolog. Hebr. Folha 711.

Entretanto, nós, repelindo todo esse veneno, graça a um antídoto celeste, remédio soberano, exporemos os Arcanos, tal como os sábios nos transmitiram, e falaremos dos mistérios, mas em linguagem mística, para salvaguardá-los.

Em que tarefa mais nobre, mais justa, mais útil à nossa fé, poderei consagrar meus esforços, da que aquela que tem por objetivo tornar acessível a todos esses mistérios relativos à árvore da vida, revelação que, segundo os cabalistas, foi feita diretamente por um anjo!

Com efeito, o anjo Raziel, de qual falamos anteriormente, desceu do céu para anunciar à Adão a vinda do Salvador.

De outra parte, o anjo Gabriel foi enviado á Santíssima virgem Maria para anunciar-lhe a vinda do Messias, esperado há tanto tempo por nossos Pais.

Adão ficou profundamente perturbado ao perceber que tinha perdido a graça de Deus; da mesma forma, as palavras do Anjo deixaram a virgem muito embaraçada.

Raziel consolou Adão com estas palavras: “Não te aflijas demasiadamente sairá de tua raça um homem justo, amante da paz, cujo nome conterà estas quatro letras **יהוה**”.

Gabriel, por sua vez, disse á virgem, para dar-lhe coragem: “Nada temais, Maria! Encontrastes graças diante de Deus! Eis que concebereis e engendrareis um filho, que chamareis Jesus (esse nome é idêntico ao nome Tetragrammatom, como vimos acima); ele será grande diante do Eterno e será chamado o Filho do Altíssimo!”.

Adão, após ter sido reconfortado pelo anjo fixou-se no monte Moria. A Virgem, após a saudação angélica, retirou-se prontamente para a montanha.

Adão, sobre o Moria, rendeu graças á misericórdia de Deus. A Virgem, sobre a montanha, entoou um cântico de ação de graças: “Minha alma exalta o Senhor, etc, etc”.

Enfim, foi anunciado a Adão que a salvação sairia da árvore para todos aqueles que a esperavam; a mesma profecia foi feita à bem-aventurada Maria, a respeito de seu filho, esse fruto bendito de suas entranhas, que deu sua vida sobre a Cruz e cuja morte, verdadeiramente, resgatou o mundo.

Foi, pois, realmente, o verdadeiro justo anunciado a Adão; prefigurado pelo justo Abel e pelo pacífico Isaac; e, quando os tempos chegaram, quando a hora indicada pelos Profetas soou, ele veio, pessoalmente, sintetizar em si todas essas figuras.

Foi por isso que, inspirada pelo Céu, a esposa do Cântico dirigiu-se assim ao esposo: “Mostra-me aquele pelo qual meu coração suspira! Onde está erigida a mesa do festim? Onde está o leito, onde repousas ao meio dia?”.

Em Jesus cristo, à época da Encarnação e da Paixão, não há mais sombras, nem figuras, mas a própria realidade

Essas revelações e outras da mesma natureza, do mais alto interesse da Religião Cristã, encontram-se na tradição, piedosamente conservada, dos Patriarcas, isto é, na Cabala.

Se elas podem ser propostas á meditação consciente dos verdadeiros cristãos, não é duvidoso, de nenhuma forma, que elas possam igualmente servir para refutar eficientemente os erros dos judeus,

sectários de Arius e outros hereges da mesma espécie, como transparece nas **Conclusões Cabalísticas** do grande Pico de La Mirandola.

Da mesma forma, para a honra e gloria da Cabala, parece-me útil relacionar, a seguir, algumas dessas conclusões.

O Cabalista hebreu é necessariamente forçado a admitir, segundo os ensinamentos e as regras da ciência Cabalística, a trindade e a distinção de cada uma das Pessoas Divinas: Pai, Filho e Espírito Santo.

A religião Cristã impõe precisamente o mesmo dogma, sem nada acrescentar, retirar, nem mudar. Admitindo-se os ensinamentos da Cabala, pode-se facilmente refutar, não somente aqueles que negam a Trindade, mas ainda aqueles que a concebem de uma maneira diferente daquela da Igreja Católica: tais são os discípulos de Arius, de Sabellionus e outros heresiarcas do mesmo gênero.

Nenhum cabalista hebreu pode negar que o nome de Jesus, interpretado segundo o método e conforme as regras da Cabala, significa claramente o que segue e apenas isso: “Deus, filho de Deus e Sabedoria do Pai, unindo intimamente a natureza humana à divina por intermédio da terceira pessoa divina, que é Iguamente, se a seguinte parábola do Profeta: “Eles venderam o Justo a peso de dinheiro!”, for explicada cabalisticamente, não significará outra coisa senão: “Deus, nosso Redentor, foi livrado a peso de dinheiro”.

Se acrescentarmos a Astrologia à Cabala, compreenderemos que o domingo convém mais do que o sábado, para o repouso setenário e a união pacífica em Cristo. Resulta claramente, dos ensinamentos da Cabala, que a vinda do Messias tornou inútil para sempre a circuncisão.

Sabemos igualmente, pelas bases da tradição cabalística, que Jesus disse, com razão: “Eu já existia antes de Abraão ter nascido!”.

Pela eclipse do Sol, que se produziu no momento em que Cristo expirava sobre a Cruz, foi possível saber, sempre segundo a Cabala, que aquele que sofria então sobre a madeira da redenção era verdadeiramente o Filho de Deus, o verdadeiro Messias.

A letra Schin, que se encontra colocada no meio do nome de Jesus, indica aos cabalistas que o mundo esteve então em paz, como também no ponto culminante de sua perfeição; e a união da letra Iod com a letra Vau, que ocorreu em Cristo, afirma que o Salvador era realmente o Filho de Deus feito homem.

Além desses argumentos, arrolados em cada página de suas **Conclusões Cabalísticas**<sup>5</sup>, Pico de La Mirandola, esse ilustre filósofo, produziu outros que permitem estabelecer cabalisticamente a realidade dos mistérios da Santa trindade, da encarnação, do Verbo Divino na natureza humana, e da divindade do Messias que habitou entre nós.

Servem igualmente para refutar as monstruosas doutrinas deste século sobre a virgindade da Santa Virgem Maria, antes e após a sua concepção; sobre a Paixão do Cristo, sua morte, sobre o preço desta e a presença real e material de seu corpo na Eucaristia.

Pico trata também das ordens de anjos, da causa do pecado original, de sua expiação, da imortalidade da alma, da criação do mundo, da queda dos demônios, das penas do inferno e de muitas outras coisas desse gênero, que ele havia proposto sustentar em Roma, segundo os verdadeiros ensinamentos da Santa Cabala.

---

<sup>5</sup> Pico de La Mirandola, Giovanni. *Conclusões Mágicas e Cabalísticas* (1486).

Quem, pois, agora, ousará invalidar esta parte essencial da teologia sagrada, relativa aos mistérios ocultos? Quem poderá, doravante, qualificá-la de vã e inútil?

Que nos deixem em paz; que não fiquem mais nossos ouvidos, todos esses frívolos mascates, impostores (para não dizer fazedores de velhacarias diabólicas), que qualificam como mentira, como superstição, todo o que se relaciona á Cabala! Esses homens que, a exemplo do ímpio Maomé (o qual, desejando proibir à sua nação o uso do vinho, especialmente do vinho tinto, afirmou audaciosamente que não havia um só grão de uva vermelha que não tivesse sido o receptáculo do demônio), para persuadir que nossa Santa Cabala deve ser rejeitada, tiveram a indecência de afirmar que ela não contém uma só palavra que não lembre a abominável, a inferna, astúcia dos demônios! Que nos deixem em paz, repito, esses vergonhosos detratores da Cabala! Devemos considerá-los como o flagelo da humanidade, coma a ruína da religião cristã, eles que ousam qualificar de superstição o que os cabalistas relatam piedosa e santamente a respeito do Cristo! Seu crime é abominável, ímpio; e jamais, até o presente, qualquer mortal pode constatar algo semelhante!

Mas, para que não me acusem de impostor, por ter citado as **Conclusões Mágicas e Cabalísticas** de Pico em favor da Cabala, sem ter verificado se elas foram admitidas pela Igreja, mostrar-lhes-ei que esta as aceitou oficialmente e as aprovou.

Dou a prova, através de uma bula do Soberano Pontífice, Alexandre VI, que tomou Pico sob sua proteção, vingando-o assim das calúnias difundidas por ignorantes contra suas **Conclusões Cabalísticas** e suas obras.

Mas, para estabelecer solidamente a realidade da tradição cabalística, é hora de expor e refutar os argumentos que a ela se opõem.

De todos os autores que escreveram contra a Cabala, e que, em vez de argumentos sólidos, utilizam-se de insípidos gracejos para derrubá-la, existem dois, particularmente, que estimo merecerem ser refutados.

O primeiro, entre os modernos, é o médico de Veneza, Georges Ragusius; o segundo é o irmão Marinu Mercenus<sup>6</sup>, da Ordem dos Irmãos Menores.

Regusius, inspirando-se em Demócrito, combateu quase todas as ciências pela zombaria.

Mercenus ateu-se apenas á Cabala, atacando furiosa e especialmente as obras do piedoso e profundo Georgius Venetus, dos Irmãos Menores.

Um e outro, contudo, levados por um ódio ou uma ignorância semelhante, não sei ao certo, ostentaram contra ela o mesmo esforço, como iremos constatar.

Eis os argumentos de Regusius:

1 - E possível acrescentar outros nomes divinos aos dez nomes divinos denominados Sefiotes pelos hebreus. Estes não contêm nenhum mistério. Se os Rabinos pretendem que todos os outros nomes de Deus podem ser sintetizados nesses dez, afirmo que podemos sintetizá-los em apenas um único, o infinito, Ain Soph.

Igualmente, o mistério das cinquenta portas da inteligência é uma verdadeira ficção; de sorte que tudo o que é ensinado a esse respeito não passa de fábulas.

---

<sup>6</sup> Padre Mersenne, teósofo e filósofo.

2 - Não há nenhum mistério no nome Tetragrammatom, nem nas transposições que se fazem com as letras dos outros nomes divinos. Tudo o que se pode afiançar a esse respeito não passa de absurdo. Exemplo: אל Deus, torna-se לא, Nada; שדי, Shadai, todo-poderoso, transforma-se em ידש, Impotente; ברא, criador, em ארב, enganador; מלכ, Rei, em כלם, crítico acerbo.

3 - Nenhuma palavra hebraica tem poder em si; os demônios não podem, pois, ser comandados pelo poder dessas próprias palavras, mas por ordem de Deus.

4 - As palavras hebraicas não têm mais poder que as palavras latinas; Deus exercituum, Deus dos exércitos, tem o mesmo valor que Elohim Tsebaoth.

5 - A Igreja conservou certas palavras hebraicas em seu ritual apenas para impressionar a imaginação dos fieis com sons estrangeiros.

6 - A língua hebraica não é a língua original do homem.

7 - Adão não deu nomes aos animais segundo suas características específicas, mas segundo algumas qualidades exteriores.

8 - Enfim, os caracteres hebraicos atuais não são os mesmos que existiam antes do cativeiro da Babilônia, como testemunha São Jerônimo no prefácio de sua **Vulgata**.

Eis todos os argumentos - não encontrei outros - pelos quais Ragusius, em sua jactância, gaba-se, de ter derrubado inteiramente o edifício cabalístico, de ter demonstrado irrefutavelmente que a ciência dos antigos sábios é vã e cheia de superstições.

Que ele me permita dizer, lembrando-lhe um velho adágio: ser-me-á tão reduzir a nada sua argumentação, pouco sólida à verdade e que confina a demência, como a uma boca comer uma pêra!

Antes de tudo, reconheço sem dificuldades que se pode efetivamente acrescentar outros nomes aos dez grandes nomes divinos. Mas Deus não tem necessidade de maior numero de nomes, uma vez que, segundo os teólogos, ele é Um em si mesmo. Direi mais: não é possível designar um nome próprio a Deus, considerado em sua Unidade. Nele, com efeito, um único contem todos; e todos se resumem em um só, segundo esta afirmação do grande Hermes: “Deus não possui nenhum nome!”.

E a razão pela qual lemos que Athlatus, a quem se perguntou, certa vez, qual era o nome de Deus, respondeu que nenhum nome próprio poderia lhe ser conveniente.

Não existe, todavia, pessoa tão ignorante que não saiba que Deus é designado por certos nomes. Estes o determinam, não em sua essência, mas o especificam nas principais obras pelas quais se manifesta, sobretudo a nós.

Assim, denomina-se Amor à faculdade pela qual ele atrai a si os fiéis; Luz, àquela pela qual ilumina todo homem que vem a este mundo! E por isso que o Cristo como observou Santo Hilário em sua obra sobre a unidade do Pai e do Filho - é denominado Verbo, Força, Sabedoria, Justiça, Braço, Pérola, Tesouro, Rede, Carro, Fonte, Rocha, Pedra Angular, Cordeiro, Homem, Bezerro, Águia, Leão, Senda, Verdade, Vida.

Mas por que os hebreus atribuem a Deus dez nomes, em vez de nove ou onze? Por que cinquenta Portas da Inteligência e não quarenta e nove? Por que o Mistério que os cabalistas qualificam de

Santo, oculta-se nos números dez e cinquenta?<sup>7</sup> Isto é bem simples. O primeiro número, 10, é considerado como o mais nobre, o mais perfeito. Com efeito, ele contém em si, em principio, em potência de ser, a universalidade dos números pares, como dois, ímpares, como três, e números compostos de números pares e ímpares entre si, como cinco, etc.

O segundo, 50, é o número do Perdão, da Piedade.

Embora devêssemos expor alhures os mistérios que, segundo a Cabala, se ocultam nos números, não significará, pensamos, um distanciamento de nosso assunto atual, vamos falar, desde agora, algo sobre seu valor.

Então, para fazer compreender os diversos significados dos Livros Santos, e para bem estabelecer os mistérios dos números, vamos expor aqui o que pensava e escrevia Santo Hilário a este respeito.

"Não devemos ignorar (disse ele em seu comentário sobre os Salmos, onde procura saber por que a ordem destes não é regulada segundo o assunto tratado - pois ocorre freqüentemente aparecerem Salmos, compostos, anteriormente, junto a outros que lhes são posteriores) que entre os hebreus os Salmos não ocupam ordem distinta. Apresentam-se uns após os outros sem número de ordem, como um, dois, três, cinquenta, cem, como se estivessem formando um único conjunto.

"Se acreditarmos em uma tradição muito antiga, Esdras compilou os Salmos sem ordem, tomando-os de todos os autores, de todas as épocas, reunindo em um único volume."

"Porém, quando os 70 Sábios da Sinagoga, que velavam em favor da conservação da Doutrina e da Lei, segundo a regra instituída por Moisés, quando esses sábios receberam do rei Ptolomeu a missão de traduzir do hebreu para o grego todos os livros sagrados, conhecendo por revelação divina a virtude dos Salmos, os classificaram por ordem e por números, atribuindo a cada um, segundo a sua virtude e seu poder secreto, o número que lhe correspondia por sua significação e propriedade particular."

Assim se expressou Santo Hilário. Do que foi dito fica claro, como observou corretamente Pico de La Mirandola, que o número do Salmo indica sua virtude, sua eficácia! Dessa forma, ele deduz que Deus pode ser provado pelos números.

Independentemente disso. Pico trata ainda das seguintes questões, que são do mais alto interesse: "Se Deus é infinito; se é um ser inteligente; de que maneira exerce seu conhecimento; se é a causa primeira de todas as coisas; se é absoluto...", e outras proposições muito interessantes, do mesmo gênero, a que pretende poder responder através dos Números.

Conta se também; que São Jerônimo, em sua obra contra o heresiarca Joviniano, estima que o número Dois é nefasto. Igualmente, pode-se ler, no capítulo 7 da referida obra, que a propósito do segundo dia da criação, a Bíblia não diz: "E Deus considerou que estava bom!".

Convém também ressaltar que, no momento do dilúvio, Deus ordenou a Noé que encerrasse na arca somente dois casais de animais impuros para cada sete de animais puros.

Que poderei acrescentar, pergunto, sobre o poder dos Números?

Certamente, se os cabalistas, Pitágoras, Platão e seus discípulos tivessem sido os únicos a se ocuparem dos mistérios dos Números, não teríamos talvez elementos suficientes para estabelecer, peremptoriamente, que eles encerram verdadeiros mistérios. Mas, segundo São Gregório de

---

<sup>7</sup> Bungus. **De Numer. Myster.** Capítulo do Denário.

Nazianzo, São Basílio, Orígenes, Santo Ambrósio e Santo Agostinho, que demonstraram a luz da fé, pelos mistérios da Religião, o que há de espantoso no fato de que, caminhando sobre as pegadas desses Padres da Igreja, pensemos por nossa vez que os números ocultam vários mistérios profundos!

É certo, portanto, que o símbolo das cinquenta portas da inteligência vela um arcano verdadeiro. Estas, com efeito, segundo os mais misteriosos Teólogos, não designam outra coisa senão a contemplação divina, graças á qual podemos atingir, pelos 50 degraus indicados cabalisticamente no **Gênesis**, um conhecimento perfeito das criaturas.

Ademais, repetimos o número 50 é atribuído à Piedade, à Misericórdia: Ele é, por outro lado, considerado o mais santo, o mais agradável segundo o espírito da natureza, porque no dizer de Bungus, originou-se do triângulo retângulo e revela o princípio de todas as coisas, que está em acordo perfeito com os degraus do **Gênesis**: nestes, assim como no número 50, que é o da Misericórdia, podemos contemplar o Criador Supremo, Princípio de todas as coisas.

Mas tratamos desse assunto, com detalhes em outra parte.

O **segundo argumento** de Ragusius<sup>8</sup> é que o grande nome יהוה, que os antigos traduziam por Anekphoniton, o Inefável, não contém em suas profundezas nenhum mistério.

Acuso absolutamente como falsa esta afirmação!

Este nome santíssimo é realmente temível, admirável, adorável. Assim, sob a antiga Lei, ele jamais era pronunciado! Foi substituído pelo nome Adonai, sob o qual era adorado com um profundo respeito, como sob um véu, uma vestimenta.

Foi também com esse vocábulo que os Apóstolos o designaram, segundo Genebrandus; da mesma forma as Sibilas, os Setenta, Orígenes (em Hexapli); Santo Epifânio (Heresi., 76; Tertuliano (em seu tratado Da Ressurreição da Carne); assim como mais antigo tradutor e todos os antigos Padres e comentadores: São Jerônimo, damasceno, Teodorito, Litano, Londano, Reuchlin, Vatablus, Mercerus e todos os Rabinos.

O nome Anekphoniton traduz, pois, exatamente, esse Santíssimo nome. Os Rabinos contam que, interrogado por Jacob, que lhe perguntou qual era seu nome, o Anjo respondeu; “Por que procuras conhecer meu nome, que deve permanecer oculto?”.

Acredita-se, igualmente, que esse nome não foi dado a Deus pelos homens - como ocorreu em relação a muitos outros nomes divinos, escolhidos em razão das qualidades que manifestou, mas que Deus, Ele mesmo, quem atribuiu esse nome a si próprio, por ser o mais santo o mais relacionado com sua natureza eterna.

Pode-se fazer esta dedução, notadamente, pelo fato de que, nos Livros Santos, encontra-se constantemente esta interjeição misteriosa: “Eu, Jehova: יהוה”.

É evidente que devemos atribuir-lhe um sentido profundo, sem nos deter em sua forma literal e superficial.

Se ela não trouxesse em si nada de secreto, seria inútil aparecer tão freqüentemente, de três a quatro vezes em uma linha de poucas palavras. E não é sem um motivo imperioso que o Grande São

---

<sup>8</sup> Ou Raguseius, outra grafia do nome do crítico, exposta por Gaffarel.

Basílio escreveu em sua homilia sobre o Gênesis, capítulo 10, que não se pode afirmar, sem blasfemar, que uma única palavra da Santa Escritura seja inútil ou supérflua!

Se esta expressão não é inútil, é conveniente, pois, procurar o que ela significa, clara e misticamente. Antes de tudo, esse nome admirável יהוה, Jehovah, que os homens não encontraram, nem imaginaram - pois o receberam do próprio Deus -, é o que mais convém ao Criador Supremo! Ele anuncia, por uma espécie de manifestação divina., a substância e a essência divina, o mais inteligivelmente possível. Ele o faz, entretanto, de uma maneira inadequada, no sentido de que não pode existir uma medida comum entre Deus e a criatura.

Os demais nomes divinos, ao contrário, são mais exatos, mais adequados em sua significação. Dão a idéia de uma espécie de mistura da aliança, entre o divino e o humano (como o provam Chatarinus e Roselus em seu **Trismegisto**), uma vez que são escolhidos por analogia, por semelhança, em razão dos atos atribuídos a Deus, atos que se encontram, embora, muito imperfeitamente, em nossa própria natureza.

O Rabino Moses Maimonides, em seu **Guia dos Perplexos**, emite a seguinte opinião: “Todos os nomes de Deus foram escolhidos segundo as obras divinas que manifestam, com exceção do nome Tetragrammatom”.

Mas, para nos elevar a considerações mais altas, digamos que está provado, àqueles que sabem, que os números correspondentes às letras desse nome divino são todos os números do círculo.

Com efeito, Iod é igual a 10; He, 5; Vau, 6; o segundo He, 5; isso demonstra que Deus é uma verdadeira esfera, e que seu processo se desenvolve segundo a ordem circular. Tudo sai Dele e tudo a Ele retorna!

Ele próprio atesta essa afirmação, pelos lábios do profeta Isaías: “Eu sou o Primeiro e o Último tudo é obra das minhas mãos!”.

Efetivamente, assim como os raios de um círculo, partindo do centro, dirigem-se à circunferência, assim, inversamente, esses mesmos raios retornam todos da circunferência ao centro.

O mesmo raciocínio vale para Deus, esfera verdadeira, segundo Hermes, esse antigo e muito sábio filósofo.

Tudo está contido Nele! Todas as criaturas, quaisquer que sejam, procedem Dele e retornam igualmente a Ele!

E Nele que elas habitam, que se movem, que vivem, segundo estas palavras do apóstolo São Paulo: “Vivemos Nele, Nele agimos, Nele estamos todos contidos!”.

E a razão pela qual, afirma Reuchlin o nome Tetragrammatom, começando por Iod, foi escolhido por Deus em nossa intenção para que reconheçamos nele o Ponto Infinito, o elemento de todo número, isto é, de toda a coisa!

Iod vale dez; e, na composição do nome Tetragrammatom, é a décima letra, como se segue: Ioha, Iao, Iai; onde, segundo Tetragrammatom, encontra-se o nome Iao, que não é outro, pela equivalência dos números que o compõem, senão o próprio nome Ehieh, que significa: Aquele que é.

Significa igualmente a essência de Criador, como é dito no Êxodo, 3: “Ehieh enviou-me a vós!”.

De outro lado, יהו, Iehou é o selo de Deus, com o qual Ehieh selou o mundo! E denominado por isso אמת Emeth, isto é, verdade, uma vez que dá nascimento, multiplicando a si mesmo aritmeticamente a אמת.

Vem em seguida o nome Iah. E o da essência divina; é por ele que Deus castiga e recompensa, como o diz o santo Salmista: “Se vós levásseis em consideração nossas iniquidades, Iah!”.

O nome Tetragrammatom engendra, pois, outros nomes, que manifestam a essência infinita de Deus: o Inefável, Ehieh e Iah. Eles são traduzidos como: **Quid est**, que se formula אג, Quid.

Com efeito, Tetragrammatom: Iod, He, Vau, He, pel a igualdade dos números, equivale a Mah. Um e outro dão 45, como vemos a seguir:

$$\begin{array}{r} 10 \quad \text{י} \\ \text{י} \quad 6 \quad \text{ו} \\ 4 \quad \text{ד} \\ \text{---} \\ 20 \end{array} \quad \text{logo} \quad \text{יוד} \text{ (Iod)} = 20$$

$$\begin{array}{r} 5 \quad \text{ה} \\ \text{ה} \quad 1 \quad \text{א} \\ \text{---} \\ 6 \end{array} \quad \text{logo} \quad \text{אה} \text{ (He)} = 6$$

$$\begin{array}{r} 6 \quad \text{ו} \\ \text{ו} \quad 1 \quad \text{א} \\ 6 \quad \text{ו} \\ \text{---} \\ 13 \end{array} \quad \text{logo} \quad \text{ואו} \text{ (Vav)} = 13$$

$$\begin{array}{r} 5 \quad \text{ה} \\ \text{ה} \quad 1 \quad \text{א} \\ \text{---} \\ 6 \end{array} \quad \text{logo} \quad \text{אה} \text{ (He)} = 6$$

Portanto,  $20 + 6 + 13 + 6 = 45$ , e  $45 = 40 + 5$ .

Quando Moisés perguntou: “Com qual nome poderei chamá-lo? Foi lhe respondido: “Ehieh!”.

E agora, se considerarmos com atenção as seguintes palavras do Espírito Santo, mencionadas igualmente no Êxodo, capítulo 3, e não sem razão: “Para que eu saiba, qual é seu nome?”, e se tomarmos as letras finais, constataremos que formam o nome inefável de quatro letras יהוה, cujo começo é Ehieh, o meio, Iah e o fim, infinidade.

Um grande mistério está igualmente oculto na transposição das letras do santo Tetragrama, como explicamos em outra parte.

Os adversários dos cabalistas ridicularizaram, é verdade, esta parte da Cabala, que trata da evolução das letras. Eles a consideram sem valor e indigna de um espírito sério. Ela epiloga lamentavelmente, dizem eles, sobre a entonação das letras, os números, as transposições, a inversão das palavras e os duplos sentidos.

Contudo, admitem parcialmente a parte da Cabala que se limita a interpretar a lei escrita, isto é, aquela que contém os ensinamentos secretos, relativos à legislação, ao sentido espiritual e alegórico das Escrituras, ao ensinamento tradicional da Sinagoga.

Muito bem! Mas podemos aceitar uma parte da Cabala e rejeitar a outra?

Que os detratores da tradição citem um único rabino que, procurando penetrar o sentido secreto da lei, não tivesse recorrido à transposição das letras!

Ademais, que mal pode haver no emprego da permutação das letras ou das palavras, para se penetrar o sentido secreto, oculto dessas letras ou números?

Exemplo: em Zacarias, 3, a palavra עֵמָה, que significa rebento, tem o mesmo valor numérico que a palavra מְנַחֵם, que significa consolador, que é o nome do Messias. A soma das letras de cada um desses nomes dá, igualmente, 158.

Isaías também emprega, muito judiciosamente, a comutação das letras e dos nomes. Que se julgue este fato, conforme o capítulo XV. Está escrito שֶׁשֶׁךְ, no lugar de בָּבֶל, para que o rei da Babilônia não tivesse ódio aos israelitas.

Da mesma forma, São Jerônimo e Munster a empregam em seus comentários sobre esse profeta. Além disso, se não fosse permitido procurar o sentido oculto das letras, por que o próprio Deus, em Isaías, 21, versículo 22, prescreveria que se escrevessem, se transpusessem e se empregassem as letras umas pelas outras, assim como os caracteres divinos, quando se trata de exprimir as coisas divinas?

Por que, enfim, os antigos Padres afirmariam que a Santa Escritura teria vários sentidos, se a significação literal bastasse?

São Jerônimo e São Cristóvão não ultrapassam algumas vezes o sentido literal, que é uma espécie de envoltório do outro?

São Gregório de Roma e São Gregório de Nazianzo tentam, ambos, penetrar até a alma do **Sepher, Yetzirah** dissimulado sob a forma, como se estivesse sob um véu.

Damasceno e, posteriormente, Santo Ambrósio nos forneceram o sentido positivo e sentido simbólico. Em fim, Santo Agostinho, São Basílio em suas poesias místicas, celebram liricamente todos os mistérios que os cabalistas contentam-se simplesmente em defender, de uma maneira diferente, segundo os indivíduos; os filósofos profanos os rejeitam inteiramente porque são incapazes de compreendê-los!

Se à primeira vista parece que algum absurdo possa emergir da transposição dos outros nomes divinos, os mestres de uma ciência profunda, de uma alta sabedoria, citados pela antiga tradição hebraica, afirmam que esses absurdos são apenas aparentes.

Exemplo: a transposição do nome אֵל, Deus, engendra אֵלֵּי, Nada!

Evidentemente, isso oculta algum mistério. Com efeito, tudo o que os sábios teólogos proclamam a respeito de Deus, é expresso não pela afirmação, mas pela negação. Assim, Deus não é um Anjo, nem uma alma, nem o céu. Ele está acima de tudo isso. Foi o que levou São Dionísio a afirmar que Deus não é nem número, nem Ordem, nem Um, nem Unidade.

Convém raciocinar igualmente em relação aos demais nomes. Shadai, por exemplo, manifesta a potência absoluta de Deus; inversamente, a fraqueza das criaturas. De fato, tudo o que existe fora de Deus, o Ser por excelência, não é senão fraqueza, comparada a esse Ser infinito.

Igualmente, nada de surpreendente existe em relação ao nome Bara, criador, que fornece, por inversão, traidor, insidioso. E o que permite ao Santo Profeta designar Deus como o autor do mal; "Deus, disse ele, faz o bem e cria o mal".

Porém, a letra mata e o espírito vivifica! Deve-se, pois admitir que essas palavras contêm um sentido secreto. Com efeito, Deus fazendo o bem significa Deus criando, em potência, a idéia que contém o germe do bem? Deus fazendo o mal significa Deus criando a matéria, que figura o mal, uma vez que ela é feita do nada.

*Nada* é necessariamente o mal, e os filósofos não o ignoram. Pois, na realidade, fazer o bem significa criar a forma; fazer o mal significa criar a matéria. Assim, Deus é, simultaneamente criador e destruidor! Criador do Mundo, certamente; mas, também, o único mestre para destruí-lo, reduzi-lo ao nada, segundo seu bel prazer.

E, de fato, Ele submergiu, em um cataclismo universal, toda criatura viva sobre a terra; apagando do elemento adâmico toda substância corporal, desde o homem até os animais terrestres, aquáticos e voláteis (Genesis 7): "Tudo que possuía um sopro de vida pereceu".

Isso novamente ocorrerá, por ocasião do julgamento do mundo pelo fogo. Pois, assim como Ele fez todas as coisas por uma simples volição, por sua livre vontade, da mesma forma, destruirá tudo, mergulhando-as em uma fornalha pavorosa!

O mesmo raciocínio pode ser aplicado à palavra *Mélek* מלך, Rei, a qual, invertida, resulta em כלם, acerbo depreciador.

Com respeito ao terceiro argumento de Raguseius, estamos de acordo em que as palavras hebraicas, consideradas em seu próprio poder, não possuem, por si mesmas, nenhuma virtude. Porém, dado que são formadas pelo Verbo de Deus, é incontestável que possuem certa eficácia.

Não vemos os possuídos, quando se pronuncia ante os mesmos ou se impõe de algum modo o santo nome de Jesus, que não é senão o nome do Tetragrammaton, não os vemos, por assim dizer, como que atormentados pelo demônio com maior violência?

Mas Raguseius desfere todas suas forças contra os cabalistas; demonstra possuir pouco juízo quando os persegue com suas afirmações caluniosas, acusando-lhes de sustentar que qualquer um que, pronunciando convenientemente as palavras hebraicas, pode predizer o futuro, curar enfermos ou dominar feras selvagens.

Vamos demonstrar que essas calúnias, essas pretensas monstruosidades que evoca, seriam facilmente reduzidas a um nada por qualquer homem de boa fé, ainda que de um saber medíocre, sempre e quando estiver instruído nos mistérios das letras.

Igualmente demonstraremos que os ataques grosseiros que dirige, contra a Cabala, com tanta ignorância quanto com má fé, não repousam sobre nenhuma base sólida. E convidamos os leitores benévolos e avisados que constatem por si mesmos as contradições deste crítico desqualificado.

Em sua carta 5, que trata da Cabala, declara que as buscas nos números em que se entregam os cabalistas podem ser úteis para a onomancia, e em sua carta 4, consagrada a dita onomancia, afirma que esta ciência carece de fundamento.

“Seus escritos” – afirma – “esta própria ciência (a onomancia), toda ela é falsa; e os cabalistas que a professam são impostores. Certamente utilizam o valor numérico das Escrituras, mas para desvelar aqui e ali os mistérios da Santa Escritura, e não para prever o futuro”.

Tal é a argumentação literal de nosso contraditor.

Bem, pergunto: um homem de espírito são, poderá ter audácia e a idiotice de negar amanhã o que afirmou na véspera?

**Quarto argumento.** Sobre esse ponto, Ragusius está em contradição evidente com todos os antigos teólogos e filósofos hebreus, que atribuem às palavras hebraicas uma espécie de virtude **enfática** que as torna eficazes!

Orígenes, em sua obra sobre Celso, diz que há um poder admirável oculto em certas palavras sagradas. Por esta razão, essas palavras não podem ser traduzidas em nenhuma outra língua; devem ser conservadas em seus próprios caracteres hebraicos, sob pena de perderem sua virtude.

Tal e a opinião de Zoroastro, de Orfeu, de Hermes, do divino Platão, de Plotino, de Jâmblico, enfim, de todos esses pesquisadores eminentes, que se esforçaram por perscrutar as coisas divinas.

Mas escutemos, rogo-vos, Eusébio de Cesária, comentando a doutrina sublime desses filósofos: “Não negligenciemos, disse ele no livro II, capítulo 4, o testemunho de Platão, afirmando que certos nomes de Deus concentram em si uma verdadeira força divina”.

Os antigos sábios tinham razão, portanto, de interditar a tradução, para outra língua, dos nomes hebraicos atribuídos a Deus.

Pelo mesmo motivo, segundo o testemunho de Platão em seu **Crátilo**, era prescrito na lei empregar sempre, pela oração, os nomes mais convenientes a Deus, aqueles que lhe seriam mais agradáveis, sem jamais os modificar.

Também, a Igreja, que conservou tudo aquilo que é útil á nossa salvação, ainda hoje mantém, inalteradas algumas palavras hebraicas, come Osannah, Alleluiah, Amém, etc. , etc.

Segundo Ragusius, ela os conservou apenas para melhor aguçar a imaginação dos fiéis!

Isso é correto? Por que a Igreja teria conservado essas palavras, e não outras?

Que nossos e outros severos censores respondam, se puderem!

Se declararem que isso não tem importância, será, pois sem razão, também, que os evangelistas conservaram essas palavras estrangeiras e que a Igreja, depois deles, as conservou da mesma forma! Nenhum cristão poderia pensar assim, sabendo que, no Evangelho, não existe um fato que não tenha sido inspirado pelo Espírito Santo! Além disso, basta uma única palavra para aguçar a imaginação,

o que se diria de dez, de cem? Seria conveniente, pois, recitar inteiramente o Evangelho em hebraico ou em grego, para que se produzissem maiores efeitos sobre os espíritos!

O absurdo de tão ridículas afirmações salta aos olhos!

Que Ragusius nos diga, sem rodeios, por que razão os evangelistas mantiveram em Hebraico estas palavras do Cristo: **Eli, Eli, lama azaphtani!**, e não estas: **In manus tuas commendo Spiritum meum!** Uma vez que ambas aparecem em hebraico nos Salmos?

Pretenderia ele, igualmente, que as palavras de que se serviu o Cristo para ressuscitar a filha de Jairo, nos teriam um sentido mistério?

Pegando mão da jovem que jazia sobre o leito fúnebre, Ele pronunciou: **Thabita Kumi: Vê e levanta-te!** Se ao contar esse grande milagre, São Marcos cita em hebraico as próprias palavras de Cristo, que chamaram a morta à luz e à vida, unicamente para exercitar a imaginação dos leitores, por que São João relatando a ressurreição de Lázaro, não se serviu das mesmas palavras, uma vez que Lázaro estava morto há quatro dias no túmulo, e já começava a se putrefazer? Isso seria mais útil ainda!

A mesma questão se coloca a respeito da palavra pronunciada pelo Cristo para devolver a audição ao surdo do Evangelho. Trouxeram-lhe, diz o evangelista, um surdo-mudo, rogando-lhe que o tocasse com as mãos. Fazendo-o sair da multidão, Jesus colocou os dedos em seus ouvidos; em seguida, pegou sua própria saliva e a tocou a língua do paciente, e levantando os olhos ao céu, orando, pronunciou em hebreu: **Hiphata, abre-te!**

Pode-se afirmar, sem temor, que essas palavras estrangeiras, isto é, hebraicas se é que podemos qualificar de estrangeiras as palavras que pertencem à língua verdadeira, primitiva, mística e santíssima, foram escolhidas pelos santos evangelistas, por sua própria vontade, mas foram piedosamente conservadas por eles. Não as inventaram, mas as receberam; elas têm um significado bem mais profundo do que parece à primeira vista. Por exemplo: **Eli, Eli, lama azaphtani!** A palavra Eloi não é usada em hebraico, como muito bem observou Reuchlin. Poder-se-ia, talvez, disse este sábio lingüista, empregar Elohai, meu Deus! Mas não convém adulterar as palavras do profeta, que o Homem Deus, no momento de expirar, lembrou-se, penso, e que recitou desde o começo de sua Paixão até o momento em que rendeu sua alma.

Em relação ao término de sua cruel agonia, teve-se ao Salmo 30 (segundo a classificação dos Setenta), e isso para que o começo e o fim de sua Paixão fossem marcados por um mesmo número.

Da mesma forma que os Príncipes dos Sacerdotes ofereceram 30 denários ao traidor Judas, para que lhes entregassem seu mestre, o Cristo também ofereceu a seu pai a recitação de 30 salmos antes de morrer!

Meditai, rogo-vos, homens sábios, amigos da verdade e da justiça se não foi com conhecimento de causa que, no curso de sua Paixão, de seu suplício, quando se cumpria a obra de nossa Redenção, o Cristo recitou, esses 30 salmos.

Ele começou a recitá-los além da Torrente de Gedron, no Jardim das Oliveiras, no momento em que, tomado pela angústia, sofreu os terrores de um suor de sangue.

E deste instante doloroso que se fala no Salmo 54, onde se encontra escrito profeticamente: **“Invocarei o Senhor e Ele virá ajudar-me, de manhã e de noite; elevarei minha voz ao meio-dia e farei públicos seus louvores!”**

Assim conversou ele com Deus durante todo o curso de sua Paixão, durante a noite e pela manhã e à tarde.

Muitas vezes, orava secretamente, com o coração mais do que com os lábios. O rei profeta tinha anunciado: **“Meditarei no segredo de meu coração!”**

Mas, algumas vezes também, pronunciou em voz alta certos versículos dos Salmos. Uma parte de seus discípulos, que permaneceram junto da cruz, ouviu e o relataram mais tarde; os demais, ausentes sem dúvida, não o testemunharam!

Entre as palavras assim ouvidas encontram-se (se é permitido pensar desta maneira): **Eli, Eli, lama azaphtani e In manus tuas commendo Spiritum meum!**

Alguns acreditam que essas palavras adquiriram, com isso, uma virtude especial, por favorecer o êxtase e a libertação aos agonizantes. Mas os autores hebreus calam-se a esse respeito.

Constatamos um fato que oculta, evidentemente um profundo mistério: imediatamente anos após o Salmo 30 - não antes -, encontra-se o título (משכיל) Maskil, isto é, Inteligência, Conhecimento ou Saber.

Ora, após a morte do Cristo, cuja última oração foi justamente este trigésimo salmo, os judeus começaram a compreender e a julgar, de acordo com seu valor. Aquele que tinha desprezado e crucificado. Tais são as observações de Reuchlin.

Acrescentemos que essas palavras do Cristo Eli, Eli, Lama azaphtani, formam o número 75, como podemos constatar no quadro abaixo:

אלי	=	41	
אלי	=	41	
למה	=	75	
עזבתני	=	494	= 751

Observa-se conforme indica a sétima dezena, que o Cristo sofreu a pena total! O número setenta (70) indica, com efeito, o fim do castigo. São Jerônimo partilha desta opinião em seus comentários de Isaias, 23: **Os números 7 e 70, diz ele, que são formados seja de sete dias, seja de sete décadas, exprime a consecução da pena integral. E a razão pela qual foi dito: Tiro, tendo expirado o tempo de sua penitência, será restaurada em estado primitivo.**

O Cristo exauriu o tempo da penitência, não por ele, mas pelo homem, cuja vida média é de 70 anos, segundo o santo salmista.

Quanto ao número cinco, demonstra que o corpo de Jesus não era um corpo **fantasmático**, um corpo fluídico, como pensava o ímpio Valentino; mas um corpo real e material, sujeito á dor, e prostração; flagelado desde a planta dos pés até a parte superior da cabeça, e vazado com cinco chagas principais, das mais cruéis.

Ele espalhou, igualmente, por cinco fontes vivas, esse sangue precioso, que lavou nossos corações de nossas obras de morte e nos permitiu o acesso as felicidades eternas!

Enfim, pelo número 75, o Cristo indicava antecipadamente sua ascensão do mundo sensível - prefigurado pelo número 75 - em direção ao mundo espiritual e glorioso.

Mas, não revelemos aos semi-sábios esses santos mistérios, de uma rigorosa realidade, e passemos a um assunto de interesse menos capital.

O **quinto argumento** de Ragusius não refuta de maneira alguma a Cabala. Esse argumento pretende que a língua hebraica não seja a língua original do homem. Isto pouco importa aos cabalistas! Contudo, para não deixar o leitor sob o golpe alegação, parece útil dar-lhe uma resposta breve.

Digamos que a primeira língua do homem, qualquer que tenha sido, foi necessariamente hieroglífica; isto é, a mais apta a representar por signos os objetos que queria indicar.

Essa língua muito pura foi dada a Adão pelo próprio Deus. Ela tinha relação com a pureza de nosso primeiro Pai. Foi dela que ele se serviu para atribuir nomes aos animais que habitavam o Paraíso terrestre. Foi por meio dela que ele determinou a natureza e as qualidades essenciais desses animais, que lhe eram conhecidas segundo toda verossimilhança.

Ora, os israelitas afirmaram constantemente - não sem razão, aliás - que essa língua admirável, santa entre as orientais, era o hebraico!

E, de fato, se considerarmos com um pouco de atenção, sejam as letras, seja a ordem das palavras hebraicas, esta verdade aparece, inatacável!

Detenhamo-nos um pouco neste exame: cada letra nessa língua é formada por um tríplice Iod; e isso para permitir o discernimento, em qualquer letra que seja da Trindade das pessoas divinas e da Unidade de sua Essência.

Essa verdade é igualmente confirmada pelo estudo das raízes hebraicas. De fato, assim como as demais letras são formadas por três Iod, também os radicais ou raízes são constituídos por três letras.

Não é admirável também que, a partir de um tríplice alfabeto disposto cabalisticamente, se possa imediatamente construir todos os radicais?!

Isso não se vê, acreditamos, em nenhuma outra língua. E, coisa inacreditável, é possível, por esse método, chegar ao conhecimento perfeito do hebraico no espaço de um mês!

Mas reservemos esse estudo para uma outra obra, se Deus permitir.

Assim, limitar-me-ei, aqui, a demonstrar ao leitor que a língua hebraica foi a língua falada por Adão.

Após a tentativa de construir a Torre de Babel, quando se produziram a ruína, a confusão e a divisão das línguas, alguns santos patriarcas conservam pura a língua original, isenta de toda mistura. E a transmitiram intacta, de século em século, a alguns de seus descendentes, escolhidos com esse propósito pela santidade de suas vidas, os quais formaram a assembléia secreta.

Todos concordam que essa língua remonta a nosso primeiro Pai; o mesmo não acontece em relação ao seu nome e à sua etimologia. Alguns o atribuem ao patriarca Heber, filho de Sale, cujo nome, segundo os hebreus, significa passagem; ou, segundo os autores sírios: trigo, fermento. Outros fazem remontar a paternidade dessa língua a Abraão, em virtude da palavra Heber, que significa além, adiante. Apóiam-se no fato de que Abraão foi o primeiro a atravessar o Eufrates, por ordem de Deus, para se estabelecer com seus filhos na terra de Canaã.

O rabino Salomão teve a mesma opinião (sup. 10, Gênesis): “Os hebreus, declarou, foram assim denominados porque habitavam como nômades, como estrangeiros, o país de Canaã e o Egito”. São da mesma opinião: Lud, Luait, Lyranus, bispo de Bruges e hebraísta muito respeitado.

De qualquer maneira, não se pode contestar, e a história nisso faz fé, que foi na época do patriarca Heber, filho de Sale - o rabino José o qualifica de profeta muito sábio, porque deu a seu filho o nome de Phaleg, que significa divisão -, que ocorreram a divisão das línguas e a dispersão dos povos. E foi esse santo patriarca que conservou pura, intacta, a língua original, isto é, a língua hebraica, pois seu nome não figura entre os dos nomes que trabalharam na edificação da Torre.

Após o dilúvio, a família de Sem a conservou em toda a sua pureza, de onde ela proveio, segundo os hebreus, até o Sanedrim, em sua forma primitiva, sem nenhuma alteração. Mas voltemos ao nosso assunto.

Sendo a língua hebraica a primeira de todas as línguas, como demonstramos, é necessário admitir que ela foi dada ao homem pela Natureza, Para que não sejam tentados a pensar que estou me perdendo em sonhos rabínicos, queiram observar o que a experiência cotidiana nos mostra em relação às crianças.

Não as escutam, tão logo saem do ventre de sua mãe, já submetidas às calamidades, aos sofrimentos desse vale de misérias, não as traduzir sua dor por meio de palavras hebraicas, quando não exprimem por meio de lágrimas?!

Mais tarde, quando crescem um pouco, não as escutam reclamar o seio materno, balbuciando sons que se aproximam muito de palavras hebraicas? Parecem interpelar sua mãe, falando **Da, Da, Ten, Ten**. Ora, em hebraico, **Da** significa mama; **Then** significa dê; e acrescentam **Em**, que significa mãe. Isso é como se dissessem: Mãe dá-me teu seio! Porém, não insistamos ainda mais acerca desse assunto, no momento!

O **sexto argumento** de Ragusius é este: **Adão não denominou os animais segundo sua própria natureza, mas antes segundo as particularidades de forma exterior.**

Admiro-me que ele não se tenha dado conta, a esse respeito, da opinião contrária, professada pela quase unanimidade dos sacerdotes.

Eis o que diz a esse respeito a Escritura Sagrada: “ Adão deu a cada ser vivo um nome, que se tornou o nome definitivo desse ser.”

Os sacerdotes acrescentam que esse nome era o que se relacionava melhor com a natureza do ser que especificava. Essa é a opinião de Eusébio de Cesária (Liv. II, cap. 4, **Preparat. Evang.**): “Examinemos, disse ele, de que maneira Moisés, homem esclarecido e sábio, traduziu no **Gênesis** o que tinha sido dito verbalmente por Adão, muito tempo antes: **Deus, escreveu o legislador dos hebreus, formou com a terra os animais terrestres e os pássaros do céu; e Ele os conduziu a Adão, para que este decidisse que nome lhes daria; e esse nome, que impôs à alma de vida de cada animal, tornou-se o próprio nome desse animal.**”

Declarando que o nome dado por Adão foi próprio nome do ser ao qual ele se aplicava, Moisés não quis certamente dizer outra coisa senão que esse nome era o melhor se adequava à natureza do ser que designava. “O que era nomeado, acrescentou, era a própria natureza do ser.”

E, de fato, o próprio nome de **Adão** pode ser traduzido como **Filho da terra**, ou formado da terra. Em hebraico, a palavra Adão significa terra; e transpondo-a, natureza vermelha, corporal. É por isso que essa expressão designa o filho da terra, isto é, o homem corporal.

O ser humano é também denominado **Enos**. Essa palavra designa o homem racional, não o ser corporal; nova designação segundo a natureza do ser. Os hebreus dão ainda ao homem o nome **Isch**, que vem da palavra **Esch**, cujo significado é fogo, expressa assim as qualidades ígneas, quentes, da natureza masculina. As qualidades femininas, ao contrário, são designadas pela palavra **Ischa**, porque procedem do homem.

Ele acrescenta, um pouco mais adiante: entre os hebreus, com efeito, todos os nomes são adaptados, de uma maneira maravilhosa, às coisas que exprimem e, até mesmo, aos elementos constitutivos das próprias letras.

E, após ter demonstrado que todos os nomes foram dados: por Adão, segundo a própria natureza dos seres aos quais se aplicavam, Eusébio acrescenta: “De que adianta insistir e amontoar provas sobre provas, pois está provada que, entre os hebreus, cada coisa recebeu a denominação que melhor lhe convinha, aquela que se relacionava melhor com sua própria natureza”. Assim se expressou esse sábio Padre da Igreja.

A maior parte dos antigos autores, tanto hebreus como gregos, professaram abertamente uma opinião idêntica, que também encontramos no **Zohar**, obra de uma profundidade insondável. Os rabinos, Platão (em seu **Crátilo**), Plotino, Jâmblico, José - o autor da paráfrase caldéia - e Orígenes mantiveram a mesma opinião. Enfim, após todos esses Padres e escritores célebres, o grande erudito Genebrardus manifestou a mesma opinião, por sua vez, em sua **Cronologia**, fol. 21: “**Adão, disse, por ordem de Deus, estabeleceu o nome a todas as coisas, não segundo sua forma exterior, mas segundo a natureza de cada uma delas**”.

Acrescentarei que, assim como a Palavra foi dada por Deus, para expressar os sentimentos, as concepções de nosso espírito, dá mesma forma foi admitido por unanimidade, e com razão, que os nomes foram dados às coisas não somente para determinar sua natureza, para precisar sua essência. Tratemos longamente deste assunto em nosso comentário sobre as **Conclusões Cabalísticas**, de Pico de La Mirandola.

**Sétimo argumento** - Não reconhecemos como verdadeira a asserção de Ragusius de que não se possuem mais, hoje em dia, os caracteres hebraicos usados antes do cativo da Babilônia.

Com efeito, toda a lei tradicional relaciona-se com um único e mesmo tipo de letras, como é ensinado no **Talmud**, por toda a escola, segundo o testemunho de Genebrardus<sup>9</sup>.

Resulta desse fato que não é verossímil que os judeus, tendo escrito a própria lei em caracteres diferentes, a tenham conservado assim, transmitindo-a a seus descendentes, enquanto seguiam, com um minucioso cuidado, as regras concernentes ao emprego das letras, observando até os pontos mais fúteis.

De outra parte, se houvessem modificado a forma dos caracteres, seria necessário, igualmente e obrigatoriamente, mudar os mistérios que neles se ocultam.

Pode-se modificar um triângulo, sem mudar, ao mesmo tempo, sua natureza de triângulo? Não se daria negar, contudo, que alguma modificação poderia ter sido realizada na forma das letras. O rabino Mosses Gerundensis, dando crédito a Genebrardus, parece inclinar-se em direção a essa hipótese. Declarou que os judeus, não querendo ter nada em comum, do ponto de vista do oculto, com as dez tribos dissidentes de Israel, adotaram os caracteres que se usam atualmente, isto é, os caracteres quadrados, que não são completamente idênticos aos caracteres primitivos.

---

<sup>9</sup> **Chronologie**. Folha 193.

São Jerônimo adotou essa opinião no prefácio da **Vulgata**. Porém, poderiam perguntar de quais letras e caracteres serviam-se então outrora, os judeus?

Empregavam duas espécies de escrita serviam-se de dois dialetos diferentes. Um deles era ligeiramente semelhante, ou talvez muito semelhante, ao hebraico rabínico, que ainda é usado em nossos dias; o outro era o samaritano. Percebendo que as coisas santas eram algumas vezes confundidas com as profanas, escolheram para seu próprio uso um dialeto de certa maneira sagrado, composto de caracteres próximos ao hebraico rabínico atual, abandonando de imediato o aramaico aos estrangeiros. Como estrangeiros, disse Genebrardus, o rabino Hista considerava os samaritanos.

Ribbi afirmou que a lei foi originalmente transmitida nos caracteres atuais, designados no **Talmnd** pelo nome de assírios. Foram modificados algumas vezes, mas restabelecidos em sua forma original.

Ao contrário, o rabino Simão assegura que a maneira de ler e escrever a lei jamais foram modificados. Quanto a nós, partilhamos preferencialmente da opinião dos autores precedentes, como dissemos acima.

Contudo, enganam-se grosseiramente aqueles que crêem que os caracteres hebraicos atuais diferem dos antigos, porque Orígenes, o sacerdote Adamantius e São Jerônimo contam que, em sua época, o Thau tinha a forma de uma cruz. Esses sacerdotes jamais pretenderam que a letra Thau expressasse especificamente a cruz. Constataram, simplesmente, que essa letra tinha a forma de uma cruz, de um patíbulo, de uma forca, forma que ainda apresenta o Thau atual.

Estão igualmente errados aqueles que pretendem que, após a ocupação romana, os Massoretas ou os Rabinos, por ódio à cruz, modificaram a forma do Thau.

Se isso fosse correto, qualquer estudioso da história de Israel teria mencionado um fato dessa importância, Ainda, se os rabinos houvessem modificado á forma do Thau, por lembrar a da cruz, por que não teriam modificado outras letras, que ainda hoje apresentam a mesma forma, tais como o Tsade, o Guimel invertido, o Zain, o Tsade final, o Noun final, etc., que lembram um homem suspenso, com os braços em cruz?

Por que teriam esperado o ano 500 da era cristã para mudar a forma do Thau por ódio à cruz? Quem lhe teria impedido de proceder mais cedo esta transformação?

Concluimos que, na época de Orígenes e de São Jerônimo, o Thau não apresentava uma forma diferente da que possui ainda em nossos dias.

Podemos ler, com efeito, em Lipsius, livro 3, que trata da Cruz, capítulo 5, anotações do capítulo 5, que a forca dos antigos, a forquilha patibular, apresentava a forma da letra Thau, como se observa na figura a seguir:



Os condenados à morte, antes de sofrer sua pena, carregavam a cruz sobre as costas, através da cidade. Chegando ao local do suplício, eram amarrados a ela, que, em seguida, era erguida desta maneira:



Acrescentemos, para estabelecer nitidamente que os caracteres hebraicos atuais são os mesmos que os de outrora, acrescentemos, repito, que a própria forma das letras é significativa. Com efeito, Beth significa casa e assemelha-se a forma de um telhado, de um abrigo; Vau significa gancho e apresenta essa forma; Zain traduz-se por bastão; Caf, por curvatura; Schin, por dente, etc

Porém, devo responder aos dois autores principais que, nos tempos modernos, escreveram contra a Cabala. Refutei os argumentos do primeiro; passemos as calúnias do segundo, e então a tarefa que me impus estará concluída.

A maior parte das críticas de Mersenne, contra o grande sábio e muito profundo Georgius Venetus, acabamos de refutar, pois são idênticas às de Ragusius.

Não nos demoremos em respondê-las novamente. Examinaremos brevemente alguns dos argumentos pessoais desse detrator da Cabala, o que não nos dará muito trabalho.

Apuremos rapidamente os absurdos que pululam em seu **Comentário sobre o Gênesis**. Ele confundiu, em seu cap. I, v. 2, art. 3, a doutrina oculta de Agrippa, injustamente condenada, com a Cabala.<sup>10</sup> Esforça-se em demonstrar, com base em argumentos vazios de sentido e raciocínios estúpidos, que não há diferença entre os onomantes, os magos e os cabalistas, a não ser pelo nome. A diferença, ao contrário, é colossal; salta aos olhos, quando comparamos a própria definição dessas ciências.

A Onomancia, segundo a própria palavra, é a arte de predizer diabolicamente o futuro por meio dos nomes.

A Magia é igualmente uma arte diabólica; graças ao concurso de espíritos infernais, opera, ou parece operar maravilhas<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Heinrich Cornelius Agrippa Von Nettesheim nasceu em Colônia, Alemanha, em 1486, no seio de uma família nobre. Estudou na Universidade de Colônia e foi discípulo do Abade Jean Trittemo, como Paracelsus. Conquistou muita fama, como também muitas críticas e incompreensão, após a publicação de sua obra, fruto de sua juventude, intitulada *De Occulta Philosophia*. Esta obra foi escrita em 1510, quando tinha apenas 24 anos de idade; em seguida, várias cópias manuscritas percorreram a Europa e acabaram saindo do controle de seu autor. Agrippa ensinou em Dôle, França, e em Pávia, Itália; foi médico em Turim e advogado em Metz. Segundo Agrippa, a Magia repousa sobre três princípios: a) físico; b) matemático ou celeste; c) divino ou arquétipo. Pelo estudo da Natureza Física, o sábio descobrirá a essência das estrelas; pelo estudo da Astrologia, chegará um dia ao conhecimento do Absoluto. Isso explica por que os quatro elementos primordiais (fogo, água, terra e ar), misturados na matéria inferior, encontram-se em estado puro nas estrelas e no mundo dos arquétipos. Teria fundado na Inglaterra e na França a Comunidade dos Magos, embrião da Fraternidade Rosa-Cruz. Estimado pelo Papa Leão X, morreu, todavia, pobre e esquecido em Grenoble, França, no ano de 1535, aos 49 anos de idade. (N. do T.)

<sup>11</sup> É preciso saber diferenciar a magia vulgar da Alta e Divina Magia. (N. do T.)

A Cabala, ao contrário, opõe-se nitidamente a essas práticas. É um comentário das Santas Escrituras.

Eleva o espírito às mais sublimes alturas; conduz o homem da vida material a passageira à percepção dos mistérios divinos, tornando-o virtuoso e guiando-o com segurança na senda da sabedoria.

Para apoiar sua tese, Mercennus apresenta o alfabeto de um onomante famoso que confessa ser ele próprio, ainda não tinha divulgado até então. Agindo assim, ele se diz o artesão e o propagador de um mal que, sem ele, teria permanecido latente e oculto. Tenta bem, é verdade, demonstrar a inanidade dessas práticas, que é o primeiro a declarar sem valor, mas o faz de modo tão frágil que parece torná-las mais fortes e vigorosas.

Em suma, serve mal a causa que pretende defender. Deseja, evidentemente, que se coloquem de lado as obras desse sábio onomante (assim como de Agrippa, de Cattanus e outros magos insensatos); contudo, as recomenda a seus leitores e, ao mesmo tempo, ensina-lhes tudo o que nelas está contido! Dissertando sobre o valor dos números, examinando por que razão a Unidade tem mais valor em relação ao quinário, e não em relação ao quaternário: por que o próprio quaternário é superior ao senário, e não ao quinário, etc., faz observar que o referido autor do tratado de onomancia não se inspira nos platônicos, nem nos caldeus, nos magos, nos cabalistas, em Averróis e Aristóteles, mas apenas na experiência!

Não seria de se pensar que todas essas dissertações eram de natureza a incitar os curiosos a provarem a magia diabólica, pela onomancia, embora ignorassem, até aquele momento, o ABC dessa ciência maldita?

Mercennus cita, ademais, quase inteiramente, o tratado de Thomas Campanella: **Do Sentido das Coisas e da Magia**.

Assim, aqueles que jamais tinham ouvido falar dessa obra perigosa, poderão lê-la no **Comentário sobre o Gênesis**, de nosso autor.

O que é mais surpreendente, ainda, é o fato de que Mercennus não se contenta em citar as razões que Campanella invocou para atribuir uma alma a todas as coisas, razões que considera, contudo, absurdas, errôneas, inexatas, contrárias ao bom senso., Porém, ele as explica demoradamente, sem as refutar como seria conveniente. Provavelmente, ignorava o argumento adequado a opor. Sua ignorância transparece igualmente em diversas outras passagens, notadamente na que se segue, abordando a famosa proposição: “O homem possui em si o poder de curar certas doenças?”, e nesta outra: “O que é Idiosincrasia?”

Tendo-se proposto resolver essas duas questões, e não conseguindo, exclama pomposamente: **“Quem pode gabar-se de conhecer a alma humana? Quem pode dizer por qual propriedade intrínseca, íntima, ela se individualiza, se diferencia de uma outra?”**

E fácil ao leitor constatar que Mercennus não compreendeu a questão. Bastará, para isso, considerar o título que deu ao cabeçalho de sua discussão: **“O homem não possui em si o poder de curar todas as doenças!”**

Ao contrário dos autores que trataram desse assunto, ele não escreve **uma** ou **algumas** doenças, mas todas as doenças. Ora, ninguém jamais pretendeu que o homem tivesse o poder latente de curar todas as doenças; aqueles que falaram desse poder restringiram-no somente a algumas.

Pomponatius, que se estendeu particularmente sobre essa questão, em seu tratado **Dos Encantamentos**, cap. 4, exprime-se assim: “Alguns, assegura-se, curam a febre quartã, mas nada podem contra as cólicas ou a febre terçã. Outros retiram a dor de cabeça; outros, os males das pernas; outros, etc. O mesmo ocorre com as ervas, que convêm umas a certas doenças, outras a doenças diferentes!”

Mercennus dá prova de ignorância ou de má fé. Por exemplo, no cap, l, v. 26, col. 1848, zomba dos cabalistas, porque estes afirmam que as letras do nome Adão, A.D.M., simbolizam os três nomes hebreus (משיח דוד אדם): Adão, Davi e o Messias! O que provaria que a alma do primeiro seria sucessivamente reencarnada nas outras duas; e conclui que os cabalistas, como Pitágoras, admitem a metempsicose!

Sobre essa questão ainda, como sobre todas as demais relacionadas com os mistérios hebraicos - que vai procurar nas obras dos antigos sábios para discuti-las -, revela a mais completa ignorância, a menos ou tenha cometido um grosseiro erro de tradução, o que não ocorreria com mais modesto dos hebraístas.

Os cabalistas jamais ensinaram a transmigração das almas: isto emerge, com toda evidência, no próprio **Talmud**. Pitágoras também não emitiu esta opinião, se formos dar crédito a Aristoxenus, escritor notável, e a Porfírio. O mistério que os cabalistas encontram nas letras A.D.M. o seguinte: quando nosso primeiro Pai recebeu seu nome do anjo Raziel, pôde ler nesse nome que lê seria o do Salvador do gênero humano. Eis como:

10	י	1	א
6	ו	4	ד
4	ד	40	מ
		---	
5	ה	45	
1	א		
6	ו		
1	א		
6	ו		
5	ה		
1	א		
---			
45			

Adão pode prever que o Messias nasceria de David, cuja primeira letra, D, é a segunda de seu nome, A D M. Soube, também, que a última letra de seu nome, M, prefigurava e designava antecipadamente o Messias vindouro.

Por essa razão igualmente, foi-lhe revelado que o Cristo seria encarnado em uma virgem, cuja letra final (Mem fechado מ) representava o ventre puríssimo e imaculado.

Foi por essa razão que Isaías, pressentindo que esta letra M, a última do nome Adão, anunciava a vinda do Messias e significava, ao mesmo tempo, que a Virgem, da qual nasceria, permaneceria pura, antes e após sua concepção; foi por está razão, repito, que o santo Profeta, profetizando a respeito da Virgem Santa e do Messias, escreveu, para dar ainda mais força a sua palavra: **Marboh ha meschiroh** (para multiplicar seu reino), querendo estabelecer preemptoriamente, servindo-se do

M fechado e não da letra comum, que o ventre muito casto da Virgem permaneceu intacto, sem nenhuma mancha, tanto antes como depois de seu parto.

O nome de Adão, A. D. M., engloba outros mistérios que não permitem aos cabalistas negar que o Messias, durante tanto tempo esperado, já não tenha vindo.

Porém, retornemos ao nosso assunto.

No capítulo 3, v. 21, Mercennus ataca violentamente os cabalistas. Trata-os como campeões do ateísmo, como protagonistas de suas doutrinas errôneas, isso porque admitem a Onomancia<sup>12</sup> e pretendem encontrar nas letras, mistérios ridículos.

Contra esses retóricos, inventores de ninharias, exclama, convêm que todos se revoltem; que os próprios poderes públicos tomem medidas enérgicas para remediar os perigos de uma doutrina que ameaça contaminar um grande número de cidadãos, os homens simples e os pesquisadores, sobretudo!

Certamente, com essa diatribe passional, Mercennus, sem se dar conta, pronuncia sua própria condenação.

Com efeito, o governo deveria impedi-lo não de divulgar a Cabala, que ele ignora, mas de ensinar abertamente, em seus escritos, a Magia diabólica!

Esse incrível monge expõe, assim, todos os gêneros de adivinhação; indica claramente como se procede a esse respeito: pela hidromancia, por meio de um anel mergulhado na água; pela piromancia, lançando uma vítima às chamas; pela geomancia, traçando figuras na areia; pela lecanomancia, com a ajuda de uma bacia cheia de água; pela capnomancia, lançando grãos de dormideira nas brasas; pela cascinomancia, através de tenazes, machados ou crivos; pela elanomancia, por meio de farinha e bolos; enfim, pela antropomancia, servindo-se de vítimas humanas! Todas essas coisas, e voluntariamente omito outros procedimentos, põem meus cabelos em pé, ao escrevê-las ou mesmo ao lê-las no livro de Mercennus.

Ele alegará, talvez, que estabelecendo a realidade dessas adivinhações diabólicas, terá provado ao mesmo tempo, para os ateus, a existência de um Deus Único! Ignora, então o que disse o Santo Apóstolo: “Não se deve cometer o mal, mesmo na esperança de praticar o bem.”

Outra contradição: Mercennus disse, acima, que os cabalistas são propagadores dos erros dos ateus; em seguida, algumas páginas adiante, declara que a Cabala não é mais que um amontoado de asneiras! O que não o impede, no cap. 1, parte 3, de opinar que se pode estabelecer a existência de Deus com a ajuda da Cabala.

Disso resulta, segundo sua própria opinião, que a Cabala, não é inteiramente condenável.

Abordemos, agora, as proposições de Venetus.

Na primeira delas, Mercarmus, com Leon, o Hebreu, felicita os antigos autores pelo fato de, ao exporem e transmitirem ao povo as coisas sagradas, recorrerem aos símbolos, às expressões obscuras e veladas!

Não obstante, ataca, condena e ridiculariza os arcanos cabalísticos, sob pretexto de que são muito obscuros!

---

<sup>12</sup> Astrologia onomântica, tradição árabe; adivinhação pela interpretação do nome das pessoas.

Além disso, em sua crítica apaixonada do **Sepher Yetsirah**, ou o Livro da Criação, atribuído ao patriarca Abraão, declara, que os livros da Cabala devem ser interpretados exotericamente (em seu sentido exterior), e que é inútil, interpretando as alegorias em seus mínimos detalhes, encontrar nelas significado secreto.

Não ficaria admirado de ver Mercennus emitir e escrever semelhantes absurdos.

Se, com efeito, não se devem interpretar ingenuamente, ao pé da letra, as ficções poéticas, imaginadas no interesse da humanidade, com mais forte razão deve-se perscrutar, examinar com cuidado, interpretar sem negligência, minuciosamente, os livros misteriosos simbólicos dos cabalistas, uma vez que estes, como muito judiciosamente estabeleceu Galatinus, podem projetar uma luz resplandecente sobre o sentido oculto da Escritura Santa.

Essa maneira de ensinar dos cabalistas oferece grandes vantagens inicialmente, serve-se de imagens sensíveis, que os ignorantes podem compreender tão bem quanto os sábios. Como exemplo, temos esta parábola: “Um homem saiu para semear seu campo”. Todo mundo compreende o significado desta somente e o que ela produzirá etc.

Segundo: os relatos memorizam-se com muita facilidade; uma parábola fixa-se bem na memória mais rebelde.

Terceiro: as idéias que têm como ponto de partida a sensação; uma história que toca a nossa imaginação imprime com maior facilidade um símbolo em nosso cérebro.

Quarto: é um procedimento muito precioso para o espírito, em razão da relação secreta, conforme às leis do espírito, que une as palavra à coisa espiritual que simboliza.

São Paulo, cuja doutrina está de acordo com a dos cabalistas, disse: “Os mistérios de Deus, desde a criação do mundo, podem ser lidos intelectualmente nas coisas criadas.”

Terceira proposição – Mercenus rejeitou os 32 caminhos da sabedoria dos antigos filósofos hebreus, sem nenhuma argumentação. Isso se explica pela sua inexperiência com a língua hebraica e pela sua ignorância dos mistérios.

Para evitar este tema, que desconhece, declarou que aborda na preposição 206. Ora eu mesmo li com atenção essa proposição, constatando que não disse uma só palavra questão. Manifesta, contudo, alguns erros a propósito do **Sepher Yetsirah**, ou o Livro da Criação, no qual se fala longamente sobre os 32 caminhos.

Porém, limita-se, como de costume, a lançar vãos ataques contra Guillaume Postel. Procede da mesma forma, na maior parte de suas controvérsias, chegando inclusive a tratar Archangelus de Burgonovo como mago e ateu, e a qualificar de insensatos Charron, Robert Fludd e todos os demais sábios, adeptos da Cabala, declarando-os dignos, segundo seu juízo feroz, da fogueira, da água, da roda, das mais incríveis torturas! E, após ter muitas vezes chamado Postel de idiota, ateu, instaurador de uma religião nova, pensa abatê-lo definitivamente com este veemente apóstrofe:

“Pergunto-me de onde pode ter vindo semelhantes deformação de espírito com como a tua! Foi sem dúvida, por tua qualidade de europeu, pouco apto a suportar os ardores do sol do oriente, que lá deixaste o pouco de cérebro que te restava. Igualmente, graças a novas alegorias, grosseiramente esboçadas, desajeitadamente; amalgamadas com as antigas, pudeste facilmente, em tuas obras, amontoar tuas loucuras e erigir à França um monumento de asneiras!”

Tais são as discretas e benévolas observações dessa discretíssima pessoa religiosa.

Não é surpreendente, por sua impotência em refutar os sólidos argumentos de Postel, que se debata em insultos contra ele e termine sua discussão com esta conclusão, tão sutil quanto elegante “Aliás, tudo o que citei desse autor, refuta-se por si mesmo.”

Proposição 28 - Mercenus declara que não existe, talvez, uma única proposição de Venetus que ele não tenha examinado e onde não tenha refutado os erros dos rabinos, dos platônicos e dos magos que nelas pululam.

Ora, a inexatidão dessa afirmação salta aos olhos, uma vez que da 1ª a 28ª, critica apenas quatro ou cinco.

Prop. 227 - Ele zomba de Venetus, falando da esterilidade de Raquel, a propósito da letra (XXX), He; e declara guerra aos cabalistas, acusando-os de se divertirem com bagatelas.

“Aconselho, diz ele, a todo homem de bom senso, a não empregar horas preciosas na leitura dos cabalistas, se não desejar perder seu tempo.” E acrescenta em seguida: “Falo por experiência!” De minha parte, mais experiente ainda que ele nessa matéria – que me permita dizer-lhe-, constato que ele perdeu efetivamente horas úteis na leitura das obras cabalísticas (se alguma vez as leu ou estudou), uma vez que, em absoluto, nada compreendeu!

Isso se pode comprovar por meio de suas controvérsias com um homem que é considerado, por toda Europa, como o mais sábio dos hebraístas atuais. Falo do Dr. Otton de Friburgo, decano dos filósofos. Comigo mesmo teve controvérsias, revelando total ignorância em relação à Escritura Santa.

Proposição 223 – Mercennus qualificou Venetus de mago. Escreveu, em uma nota marginal: “O que se diz aqui, a respeito dos espíritos, é magia ou favorável a magia!”

Eis, certamente, uma alegação imprudente. Ademais., pergunto: não é uma verdadeira calúnia?

Este transbordamento de injúrias não poderia fornecer aos hereges uma bela ocasião de declarar guerra aos monges, já que lhes é dado ver um monge injuriar deste modo outro monge!

Pensas, Mercennus, que insultar desse modo a um de teus irmãos é comportar-se como um verdadeiro monge? Não adotaste o nome de Mínimo senão para abaixar até a ti, sob o peso dos ultrajes, os maiores homens de nosso tempo? Respeite, pois, rogo-te, a honra das pessoas, a religião, teu próprio nome. Julga teu irmão com mais equidade! Caminha sabiamente, santamente, sobre as pegadas do Cristo, nosso Salvador; será muito melhor. Medita tua vida e toma-a por modelo! Em uma palavra, aprende a conhecer melhor a pureza santa de Georges Venetus; e, seja em público, seja no silêncio de teu quarto, julga mais respeitosa seu caráter!

Certamente que me é difícil, mas, contrariamente a meus hábitos, vejo-me constrangido, pela obrigação, a rechaçar as calúnias e refutar opiniões errôneas; sinto-me constrangido, repito, a lançar-me em longas diatribes, que englobam poucos argumentos, em vez de escrever, como poderia, tantas coisas que considero sólidas e muito proveitosas.

Assim, para pôr um ponto final nesta apologia, examinemos e refutemos ainda este último erro de Mercennus. Ele afirma, por diversas vezes, que a Cabala não tem nenhum sentido! Declara que pretender encontrar nos astros, como ela faz as formas hieroglíficas das letras hebraicas, é um sonho sem valor, pois os corpos celestes são, certamente, anteriores as letras, e já possuíam suas forças, suas influencias próprias antes que os caracteres fossem inventados.

Basta a exposição dessa opinião para demonstrar o ridículo da sua afirmação. Pelo fato de os astros terem sido criados antes das letras, deduz ele que não foram criadas necessariamente, segundo a forma desses astros!

Nenhum homem sensato ousaria sustentar tal argumento!

Porém, uma vez que Mercennus nada compreendeu acerca dos mistérios hebraicos e cabalísticos, aos quais se refere ao dissertar sobre as proposições de Venetus é o seu próprio **Comentário do Gênesis**, examinaremos longamente, mais tarde, se Deus nos der tempo e forças, os demais erros cometidos por esse sofista.

Enquanto isso, que nos deixem em paz, ele e todos os que se lançam contra a ciência cabalística! Que nos deixem em paz, repito, e que procurem adquirir uma mentalidade mais sã! Porém, o que desejo, acima de tudo, é que sejam felizes; que desfrutem da luz, pela eternidade, todos os que a perceberam por meio da tradição: estes aprovarão e confirmarão meu juízo sobre a Cabala.

**FIM**